

Afirmativa

Ano 9 • N 44 • AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural



I have a
dream

Monumento Martin Luther King em

PATROCINADOR
OFICIAL



Bradesco



Baixe um leitor de
QR Code em seu celular
e aproxime o telefone
do código ao lado.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradesco.com.br

twitter @Bradesco

Curtil [facebook.com/Bradesco](https://www.facebook.com/Bradesco)

VENDE-SE
CASA
VENDIDA



**CRÉDITO IMOBILIÁRIO
BRADESCO.**

**PARA AJUDAR VOCÊ
A SUPERAR AS
BARREIRAS E CONQUISTAR
O QUE QUISER.**

Bradesco. Presença lado a lado em suas conquistas.
Fale com seu Gerente Bradesco.



Bradesco

Entrevista Especial

Rhoda Arrindell.....	8
Especial Troféu: 10 anos de uma história de sucesso.....	14

Capa

Martin Luther King, eterno.....	32
---------------------------------	----

Lançamento

Troféu 2012 é lançado em ritmo de festa.....	36
--	----

Cidadania

Valeu Zumbi	44
Lei Geral de Cotas	54
Um basta na violência contra jovens negros.....	56

Economia

A classe média negra – <i>Paes de Barros</i>	58
--	----

Educação

Quilombola consagra-se doutora em Educação no Paraná – <i>Bibiana Dionízio</i>	60
--	----

Perfil

Um negro no comando da corte	62
Frente a Frente com o Vampiro – <i>Dulcinéia Noaves</i>	66
Sou mais uma vítima do vampiro, graças a Deus – <i>Sueli de Jesus Monteiro</i>	68
Desbravando novos horizontes	70

Opinião

A lei. Ora a lei! – <i>Rosenildo Gomes Ferreira</i>	74
---	----

Afirmativo

Com os negros o Brasil poderá mais – <i>José Vicente</i>	76
--	----

Preto e Branco

Anderson Silva.....	78
---------------------	----

ndice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmars Ltda. • CNPJ nº 08.643.988/0001-52 • Com periodicidade bimestral • Ano 9 • Número 44 • Av. Santos Dumont, 843 • Bairro Ponte Pequena • São Paulo-SP – Brasil – CEP 01101-080 • Tel. (55 - 11) 3325-1000 • www.afrobras.org.br
CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Cristina Jorge • Nanci Valadares de Carvalho • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca@afrobras.org.br).

FOTOGRAFIAS: J. C. Santos e Divulgação.

COLABORADORES: Rejane Romano, Eliane Almeida, Daniela Gomes.

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação • Tel. (11) 3325-1000.

CAPA: Foto de William Perry | Dreamstime.com

EDITORIAÇÃO: Alvo Propaganda e Marketing (revistas@alvopm.com.br) • Tel. (11) 4325-0605.

I have a dream

Esta edição traz uma retrospectiva do que foram os últimos dez anos para os negros no Brasil e no mundo e ao fazer esse balanço, registramos alguns fatos positivos para os negros. Nenhuma frase ou pessoa traduziria melhor o que procuramos mostrar nesta revista, e na cerimônia de entrega do Troféu Raça Negra 2012, que é "I have a dream" e a pessoa de Martin Luther King, um dos maiores e mais importantes líderes negros do mundo que ganhou um monumento no National Mall, em frente ao Congresso dos Estados Unidos, em Washington, junto ao panteão dos heróis americanos.

I have a dream, porque todos nós temos o sonho de ver nossos irmãos sendo tratados como

a premiação, que nasceu com o propósito de enaltecer e destacar as iniciativas em busca da equidade racial, tem contado com apoio de representantes de vários setores da sociedade brasileira e internacional. As cerimônias de gala são o conagraçamento da raça humana, onde negros e brancos, lado a lado, regozijam ações para tornar o Brasil um país mais plural.

Há 10 anos começamos uma luta que está longe do seu final, mas que ajudou a promover conquistas irreversíveis: a aprovação da Lei de Cotas Raciais; a chegada do Ministro Joaquim Barbosa à presidência do STF; o aumento do número de estudantes negros nas universidades brasileiras e a eleição de Barack Obama para presidente da maior potência

iguais, tendo as mesmas oportunidades que os demais de outras etnias e não sendo tratados – ou des- tratados – pela cor da pele.

Para mostrar nosso reconhecimento e a importância que o Troféu Raça Negra atingiu, está em nosso meio a doutora Bernice King, filha de Martin Luther King, que receberá o Troféu Raça Negra em nome do pai, um herói para todos nós. Obrigada Bernice pela sua visão e compreensão deste momento.

Em dez anos de existência o Troféu Raça Negra consagrou-se como um evento ímpar, de suma importância para a sociedade brasileira. Nas nove edições realizadas, desde o ano 2000,

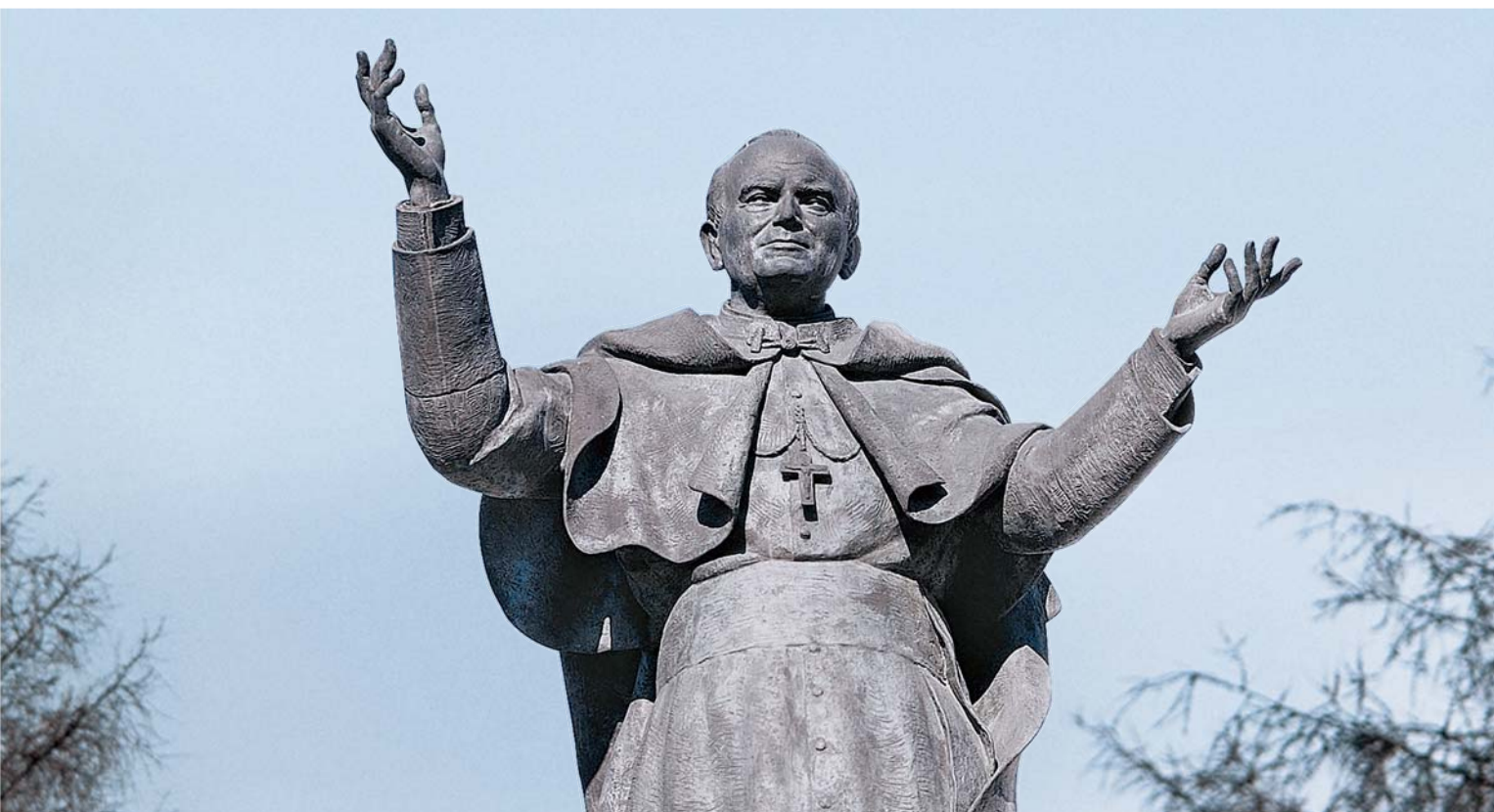
mundial, os Estados Unidos da América.

Nos últimos 10 anos, o Troféu Raça Negra reconheceu e valorizou as pessoas que ajudaram o Brasil a mudar, a ser mais orgulhoso de sua gente e de sua raça, a ser mais justo, plural e inclusivo. São boas notícias. Claro que sabemos que há muito a ser feito, mas continuaremos lutando pelos nossos sonhos.

Boa leitura

Francisca Rodrigues
Editora Executiva

ditorial



0800-703 FORD
3 6 7 3

Respeite os limites de velocidade.



**O QUE FICA PARA A
HISTÓRIA SÃO OS FEITOS
DE UMA PESSOA.**

A Ford acredita naqueles
que vão mais longe.

Esta é uma homenagem
ao dia 20 de Novembro.
Dia da Consciência Negra.



Go Further

entrevista

Foto: Depto de Comunicação do Governo de St. Marteen.

Rhoda Arrindell, mulher que não foge a luta

Por Eliane Almeida

Para os brasileiros pode parecer estranho pensar que, em pleno século XXI ainda existam lugares que são colônias de países europeus. É o caso da pequena ilha de St. Martin. Dividida em duas partes, um lado é francês (Saint Martin) e o outro holandês (Sint Marteen), ainda se encontram sob o jugo de reis e rainhas. Dutch St. Marteen, como é chamado o lado holandês, é o menor país do mundo. Possui uma única universidade focada na área da saúde e a maioria de seus alunos são estrangeiros. Os nascidos em St. Marteen, se quiserem estudar, precisam mudar de país e na maioria das vezes o destino destes estudantes é o país colonizador, Holanda.

Esta realidade de colônia coloca em cheque a população que em alguns casos acredita ser melhor continuar desta maneira, sendo “cuidada” pelo coroa holandesa. Outros acreditam que é hora de se libertar de fato e criar seus próprios meios de sobrevivência. Uma dessas pessoas é Rhoda Arrindell. Primeira Ministra da Educação e Esporte de Dutch St. Marteen, ela é graduada em Linguística, Mestre em Gestão da Educação e Doutora em Filosofia Linguística.

Falando fluentemente cinco idiomas (inglês, espanhol, crioulo, francês e holandês) ela é referência na luta pela liberdade da ilha e a única mulher Doutora dentre os cinco doutores no país. **Afirmativa Plural** entrevista esta mulher que pode ser comparada a Zumbi, já que busca a liberdade de seu povo através da luta. Ela entende que Sem educação não há liberdade.

Afirmativa Plural – Quem é Rhoda Arrindell?

Rhoda Arrindell: nasci em 18

de outubro de 1966, em Curacao. Minha mãe é de St. Vincent e meu pai de Dutch St. Marteen. Quando eu estava com 3 anos, meus pais resolveram voltar a Dutch St. Marteen. Eu tenho vivido aqui desde então saindo apenas para estudar nos Estados Unidos, onde fiz meu mestrado, e em Porto Rico, onde realizei meu doutorado.

Afirmativa Plural – Conte-nos um pouco sobre sua militância.

“ Toda vez que fazemos algo que desafia o status quo, você é pejorativamente rotulado de militante ou rebelde. ”

Rhoda Arrindell: conforme fui crescendo, as pessoas me chamavam de “rebelde”, entre outras coisas. Se você procurar o significado exato da palavra rebelde talvez essa não tenha sido uma coisa ruim. Eu me considero, atualmente, uma ativista no sentido de que eu tenho estado envolvida em atividades que buscam promover o bem estar e o desenvolvimento da vida do meu povo. Eu não sei se você pode chamar isso de militância. Mas, eu tenho sentido que certas coisas ganham títulos que muitas vezes não representam o valor real da ação. Toda vez que fazemos algo que desafia o status quo, você é pejorativamente rotulado de militante ou rebelde.

Afirmativa Plural – Como foi a transição da militante para as salas de aula?

Rhoda Arrindell: minha

graduação foi em Linguística e foquei minhas pesquisas nos Estudos das Línguas das Minorias Afro-Americanas. No mestrado estudei Gestão da Educação e descobri coisas bastante curiosas. Mas, a passagem de militante para professora foi algo inesperado. Quando eu estava no ensino fundamental, eu não gostava de estudar porque a maioria das coisas que me ensinavam na escola não tinha nada a ver com a minha realidade ou com a realidade do povo do Caribe. O foco das aulas era sempre a Europa e coisas europeias. Quando fui para Universidade nos EUA, comecei a enxergar o real caminho dos meus estudos. Eu tinha muita coisa a aprender. Eu sempre segui as notícias internacionais e sempre prestei muita atenção aquelas que falavam sobre injustiça, democracia, igualdade, etc. Hoje, enxergo o aprendizado como um longo processo que nunca termina. Então, eu tive a oportunidade de aprender algo novo e percebi que poderia utilizar aquele aprendizado a meu favor. Dar aula na universidade me possibilitou obter know-how para ensinar, para saber questionar e saber responder quando questionada.

Afirmativa Plural – Entre a docência e a política. Por que ser Ministra?

Rhoda Arrindell: embora costumasse dizer, desde criança, que não seria uma professora, comecei minha vida como docente por acidente durante meu último semestre nos EUA. Fui convidada para substituir um professor da universidade na disciplina de Inglês como Segunda Língua (English as a Second Language - ESL). Quando retornei a St. Marteen entrei no mestrado e o primeiro trabalho que consegui foi o de



professora de ESL na Universidade de St. Marteen. Acredito que foi neste momento que percebi a importância da política na educação. Deixei as aulas na universidade por escolha própria pois não acreditava no sistema que a universidade impunha aos professores. Lecionei por 20 anos. Em 2010, resolvi parar não porque eu não quisesse mais ensinar, mas porque eu não gostava do ambiente em que estava trabalhando naquela época. A política permeava as reuniões e muitas vezes me sentia coagida a fazer coisas que eu não acreditava. Aquilo me fazia muito mal.

E apesar de ter sido convidada a participar das eleições no passado, eu nunca pensei nisso seriamente. Provavelmente porque a minha

percepção sobre os políticos e a realidade é de que a política pode se tornar pessoal demais num local tão pequeno. Quando fui convidada em 2010, senti que aquele era um lugar (o Ministério) onde eu nunca tinha estado, que não teria nada a perder e muito a oferecer. Com nosso país caminhando para uma constituição própria, onde, pela primeira vez, o lado holandês da ilha teria seus próprios ministros, mais profissionais seriam necessários no Governo. Eu fui convencida de que poderia ajudar, fazer a diferença. Eu senti que como ministra eu poderia ajudar a estruturar um novo modelo de educação, e estimular a produção de cultura, implantar a prática de esportes nas escolas e suprir todas as necessidades

da população jovem. Eu criei para o pleito um novo partido, the United People (Povo Unido). Acreditei ter encontrado com este partido um novo equilíbrio entre profissionais jovens e políticos experientes.

Afirmativa Plural – *Como foi sua estada durante o tempo de seu mandato?*

Rhoda Arrindell: foi bastante complicado. Bem, eu já imaginava que não seria fácil. Minha posição política era, e ainda é, claramente contra a Coroa Holandesa. Por diversas vezes, fui obrigada a assistir, calada, eventos comemorativos que homenageavam e exaltavam a força exterminadora do colonizador. Estive ministra por 18 meses e durante este tempo pensei somente no meu povo e alcancei bons resultados.

Consegui parceria em universidades nos Estados Unidos com bolsa-auxílio para os nascidos em St. Marteen. Trouxe a UNESCO e seus programas na área da educação e cultura para serem implantados. Busquei o melhor para St. Marteen. Mas, a pressão é muita e tive minha vida controlada pela mídia e pelos outros políticos. Meus telefones, residencial e celular, são monitorados até hoje. Como uso dread looks fui considerada mais uma vez rebelde. O que a maioria das pessoas não entende é que assumir meu cabelo como ele é, evitando o uso de cabelos artificiais como faz a maioria das mulheres negras no Caribe, só me fortalece. O dread look, dentro da cultura rastafári, significa força. Quanto maior o dread look mais poderoso você é. Conheço minha força e meu cabelo só externa aquilo que sei o que tem dentro de mim.

Afirmativa Plural – Doutorado.

Retorno para a vida acadêmica ou uma busca por você mesma?

Rhoda Arrindell: meu desejo de voltar aos bancos da universidade surgiu durante um debate sobre educação com escritores, jornalistas e poetas. As discussões giravam em torno do “mau inglês” falado pelo povo de St. Marteen. Como sou linguísta, fui desafiada publicamente a descrever esse inglês “quebrado”. Eu defendi a promoção de nossa língua no sistema escolar e onde havia aqueles que sentiram que o que eu estava defendendo era a desvalorização da língua mátria. Me lembrei de mim criança, na escola, tendo que engolir a história dos outros e não conseguia me encontrar naquele universo paralelo. Imaginei as crianças de agora nos bancos escolares obrigadas a aprender coisas


que seus pais não conseguem partilhar com elas. Depois deste debate, senti que precisava ter mais informações para enriquecer mais as discussões. Minha proposta no doutorado em Linguística foi focada na linguagem caribenha, no processo de “creolização”. Em minha dissertação de mestrado propus uma política de línguas para St. Marteen, baseada na nossa realidade. Eu acredito que precisamos elevar nosso idioma local e, ao mesmo tempo, dar a todos

os nossos estudantes oportunidades reais para alcançarem o sucesso na vida acadêmica.

Quanto a retornar a vida de professora, ainda não decidi. Mas, amo pesquisa e esse é um dos caminhos que pretendo seguir daqui para frente. Talvez volte para a vida política também. Ainda não sei bem. Por enquanto, vou contribuindo com meu povo em debates e palestras e fortalecendo o que de fato é nosso: a língua e a cultura ancestral. ■

Foto: Depto de Comunicação do Governo de St. Marteen.





IMAGINE UMA CIDADE COM A HISTÓRIA DE TODAS AS CIDADES.

Petrobras Cultural. Toda a cultura brasileira no mesmo lugar.

A diversidade cultural é um dos principais patrimônios do Brasil. Mais do que isso, ela tem o poder de transformar o país. Por isso, a Petrobras investe na preservação, memória, produção, difusão, formação e na educação para as artes através do Petrobras Cultural. Sempre com rigor e transparência. Saiba mais em www.petrobras.com.br/ppc



F/NAZCA 888

especial troféu

Troféu Raça Negra

10 anos de uma história de sucesso



Em dez anos de existência o Troféu Raça Negra consagrou-se como um evento ímpar, de suma importância para a sociedade brasileira. Nas nove edições já realizadas, desde o ano dois mil, a premiação, que nasceu com o propósito de enaltecer e destacar as iniciativas em busca da equidade racial, tem contado com apoio de representantes de vários setores da sociedade brasileira e internacional.

Artistas, personalidades, o setor público e privado e os representantes

internacionais entre outros, somam um contingente de pessoas e empresas que reconhecem a credibilidade e razão de ser do evento que tornou-se uma data oficial do calendário da cidade de São Paulo.

As cerimônias de gala são o conagraçamento da raça humana. Onde negros e brancos, lado a lado, regozijam ações para tornar o Brasil um país mais plural.

Muitas lágrimas, mãos empunhadas em direção ao céu em sinal de

agradecimento, sorrisos, abraços... Sentimentos vistos inúmeras vezes na festividade de entrega das estatuetas, já popularmente conhecidas como o “Oscar Negro”.

Como diz a antiga máxima, “uma imagem vale mais do que mil palavras”, vamos mergulhar na história do Troféu Raça Negra, através de imagens que ano a ano narram a trajetória daqueles que vêm mudando a história.

Acompanhe a Linha do Tempo do “Oscar” da Comunidade Negra:



2000

Emoção. Uma única palavra sintetiza o sentimento que imperou na primeira edição do Troféu Raça Negra.

Criado pela ONG Afrobras – Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural ocorreu pela primeira vez por ocasião do marco das festividades dos 500 anos de Descobrimto do Brasil no ano 2000.

Pela primeira vez neste País personalidades negras que contribuíram em diversas atividades, propiciando às futuras gerações o registro da determinação, trabalho perseverança e exemplo público na construção de uma sociedade melhor, foram reconhecidas e homenageadas em uma noite de gala no Teatro Municipal de São Paulo.

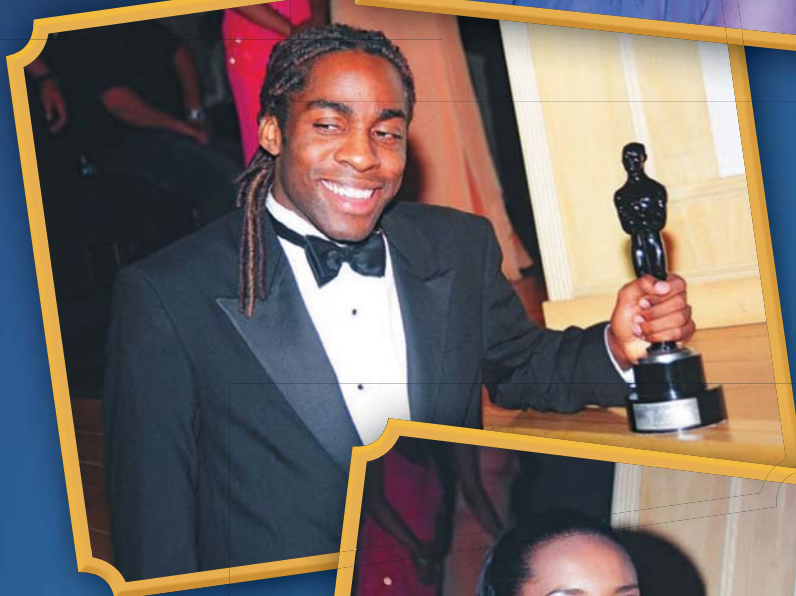


2004

Quatro anos depois a segunda edição ocorreu em comemoração aos 450 anos de aniversário da cidade de São Paulo.

O evento passou a ser realizado na Sala São Paulo, considerada a mais moderna sala de concertos da América Latina. Local onde no passado se localizava a estação de trem Júlio Prestes, que pertencia à Estrada de Ferro Sorocabana, a Sala São Paulo é um ponto arquitetônico de referência na capital paulista.

Justamente neste momento a Afrobras considerou oportuno premiar e enaltecer as iniciativas, ações, trajetórias e realizações daqueles que haviam contribuído para valorização da raça anualmente.



2005

A entrega do troféu ocorreu no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra e mais uma vez contou com a presença de personalidades, autoridades, celebridades que neste momento já ansiavam pelas novas edições.

As cerimônias do Troféu Raça Negra são sempre marcadas pelo glamour, com a presença de pessoas bonitas e talentosas em um clima de muita euforia.

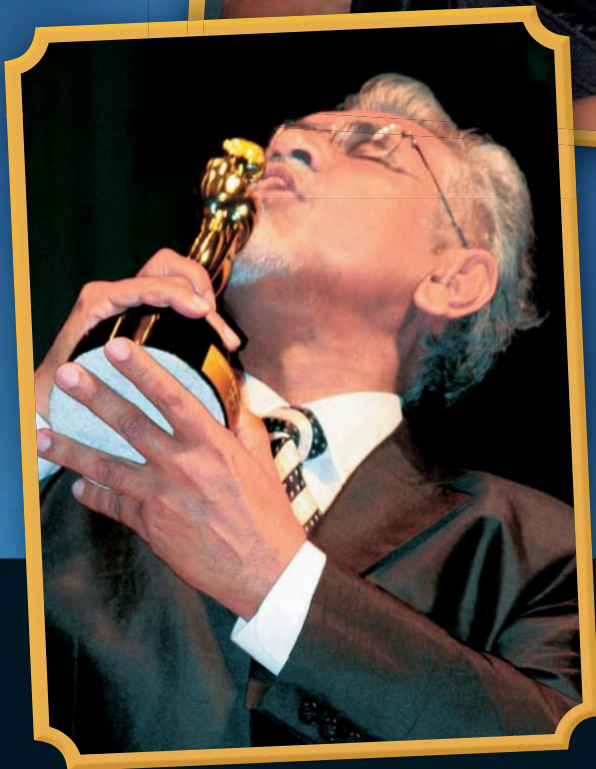
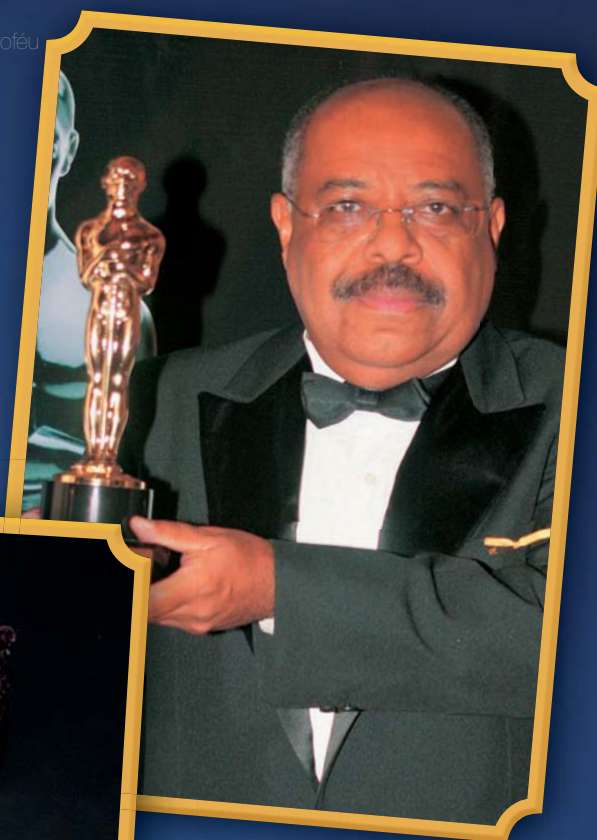


2006

A novidade foi a implantação da categoria de Ação Social e mais uma vez o evento contou com o patrocínio de grandes empresas e instituições financeiras que ficam lado a lado para patrocinar este evento, esquecendo a concorrência de mercado.

especial troféu





2007

Já então considerado como o "Oscar" da comunidade negra, o troféu dedicou uma homenagem ao mestre Carlinhos. A abertura da cerimônia de entrega das estatuetas teve início com o Coral Zumbi dos Palmares, que entoou o Hino Nacional.

Esta foi uma edição comemorativa, pois o troféu chegava a sua quinta edição.

INVESTIR R\$ 1,4 BILHÃO EM MICROCRÉDITO NO BRASIL É INVESTIR FORTE EM SUSTENTABILIDADE.

O Santander investe forte no Brasil. E faz isso com o maior programa privado de microcrédito do País. Com ele, nós levamos nossos serviços a lugares onde nem existia banco, gerando mais empregos e oportunidades e, assim, ajudando a movimentar a economia.

Traga mais sustentabilidade para sua vida e seus negócios.

Acesse www.santander.com.br/sustentabilidade

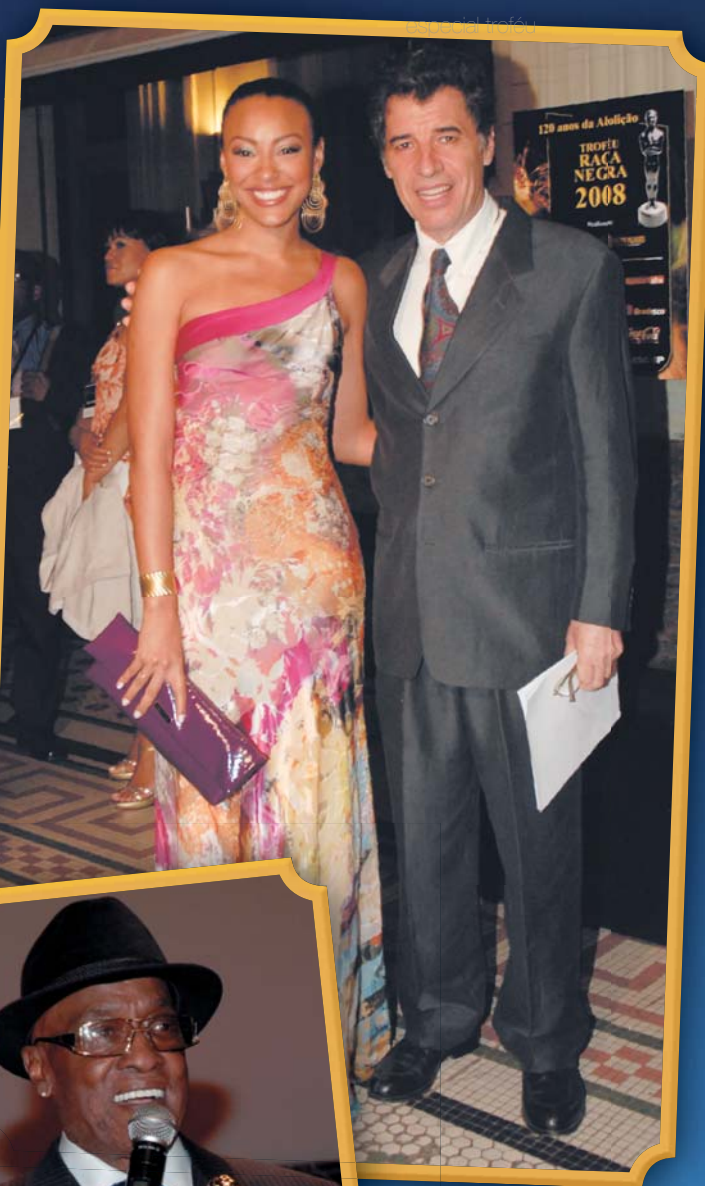


Cheila F. Teixeira,
feirante, é correntista
e contou com o
apoio do Microcrédito
do Santander.



VALORIZANDO IDEIAS
POR UMA VIDA MELHOR

www.santander.com.br





2008

Ano em que o Troféu Raça Negra entrou oficialmente para o calendário da cidade de São Paulo e diferentemente dos anos anteriores a escolha dos indicados não foi através do voto popular.

Em comemoração aos 120 anos de abolição da escravidão foram premiadas personalidades e autoridades que se destacaram pela luta a favor da diversidade e dos negros.

Além disso, houve uma homenagem póstuma a Wilson Simonal cantor e apresentador da década de 60 e 70.

A vitória do presidente Barack Obama também foi lembrada ao ser entregue uma placa ao Consulado dos Estados Unidos em São Paulo, que representou o presidente na cerimônia de premiação.

2009

Assim que o evento foi lançado oficialmente e que tomou-se conhecimento que o Rei do Pop, Michael Jackson, seria o grande homenageado, a imprensa nacional e internacional, manteve-se a postos para acompanhar uma cerimônia que de certa forma serviria também como um último adeus ao astro que brilhou como poucos, elevando a cultura negra a um patamar jamais visto.

Na noite de 15 de novembro de 2009 a Sala São Paulo chegou a sua lotação máxima para um momento único onde parcerias de apoio à educação foram firmadas com o Centro Paula Souza, o governo do Estado de São Paulo e o Carrefour.

E como já era esperado, a homenagem ao astro Michael Jackson foi um momento ímpar, onde o cover, Rodrigo Teaser, transmitiu aos presentes o vigor do próprio artista, dançando de forma impecável sucessos que marcaram gerações.

Sucessos estes que foram lembrados nas vozes de Vanessa Jackson, Paula Lima, Ed Motta e Seu Jorge.







Seja a próxima

Itaú. Feito para você.



**Faça parte
do banco que
está mudando
com você.**

Inscreva-se.

O Itaú está abrindo vagas de estágio em diversas áreas. Se você quer viver uma experiência transformadora e desenvolver todo o seu potencial, venha trabalhar com a gente.

Pré-requisitos:

Estar cursando o antepenúltimo ou penúltimo ano da graduação.

Participe do Processo Seletivo. Inscreva-se no site: www.vagas.com.br/v640008.

**Programa Estágio
Diversidade**
Itaú Unibanco 2012

na mudança.





2010

A homenagem a Milton Nascimento tomou uma repercussão enorme em todo Brasil. Revistas, sites, a imprensa brasileira de forma geral motivaram-se com o reconhecimento ao cantor e compositor ímpar que Milton representa para a cultura do povo brasileiro. Com apresentações de Jorge Verçillo, Lenine, Fafá de Belém, Simoninha, Isabel Filardis, Paula Lima, Ronnie Marruda, Izzy Gordon e Altay Veloso, o troféu chamado "Coração de Estudante" ratificou o sucesso do "Oscar" negro do Brasil.





2011

A alegria do grande homenageado da cerimônia, o intrépido Jair Rodrigues, contagiou o público presente na cerimônia de entrega das estatuetas. Com a família presente na Sala São Paulo, os filhos, Jair Oliveira e Luciana Mello que cantaram para o pai, a nora Tania Khalill, como mestre de cerimônia, e com a esposa Claudine na plateia, a festa foi completa.

Ao final Jair esbanjou vitalidade e emoção ao plantar bananeira em sua apresentação, que incluiu a participação dos filhos cantando "Um Filho Meu". Também se apresentaram Sandra de Sá, Toni Garrido, Vanessa Jackson, Negra Li, Thalma de Freitas, Jorge Aragão, o Quinteto Preto e Branco e Pedro Mariano.





m a r t i n l u t h e r K I N G e t e r n o

O Troféu Raça Negra 2012 faz uma homenagem ao ativista político norte-americano, que lutou em defesa dos direitos sociais para os negros e mulheres, combatendo o preconceito e o racismo. Martin Luther King Jr. defendia a luta pacífica, baseada no amor ao próximo, como forma de construir um mundo melhor, com igualdade de direitos sociais e econômicos. Na década de 1960, Luther King liderou várias marchas de protesto e manifestações pacíficas em defesa dos direitos iguais entre brancos e negros.

Dentre os seus feitos está o boicote às empresas de ônibus da cidade de Montgomery, em 1955. Este movimento aconteceu para pressionar o governo a acabar com a discriminação que havia contra os negros no transporte público dos Estados Unidos. A Suprema Corte Americana acatou as reivindicações do ativista e terminou com a discriminação no sistema de transportes públicos.

O legado do ícone tomou proporções que ultrapassaram as barreiras de continentes e países. Mundo a fora as lutas de Martin

não só são conhecidas, como servem de inspiração para os que ainda lutam pela equidade. O pastor de Atlanta nasceu no dia 15 de janeiro, de 1929, uma data lembrada a cada ano nos Estados Unidos desde 1986 com um feriado.

Sua atuação foi tão importante para as mudanças ocorridas quanto aos direitos civis no EUA, que em 14 de outubro de 1964, Luther King recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Além disso, o líder negro foi o primeiro afro-americano a ganhar um monumento no National

*Monumento a Martin Luther King Jr.
em Washington – USA*

Mall, o parque que fica em frente ao Congresso dos Estados Unidos, em Washinton. O monumento de nove metros de granito foi inaugurado em 16 de outubro de 2011. O memorial, dedicado ao pastor e a sua mensagem de “democracia, justiça, esperança e amor”, é um espaço aberto de 1,5 hectares a alguns metros do Lincoln Memorial, onde King pronunciou seu discurso mais famoso no dia 28 de agosto de 1963. O espaço tem o formato de um arco margeando um lago, alimentado pelas águas do rio Potomac. Adornado com vários chafarizes, é dotado de um muro de 140 m de comprimento, no qual estão gravadas 14 frases de discursos pronunciados por Martin Luther King entre 1955 e 1968. Um portal em forma de penhasco permite ingressar no espaço arborizado, em meio ao qual se levanta a “Pedra da esperança”. Desta pedra de granito branco emerge uma estátua de 9 m de altura que representa o pastor, com seus braços cruzados e olhando o horizonte, concebido pelo escultor chinês Lei Yixin. Apesar de muitos terem considerado a estátua parecer severa demais, a inauguração reuniu milhares de pessoas, a grande maioria negras.

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, inaugurou o monumento e na ocasião se referiu a Martin com quem “colocou uma voz em nossos sonhos mais profundos”. E completou: “Sua vida e sua história nos dizem que a mudança pode chegar se não nos rendermos”, destacou Obama o primeiro presidente negro na história americana. A cerimônia contou com a presença de líderes de

direitos civis, assim como alguns dos membros da família de King, poetas e músicos, entre os quais os cantores Aretha Franklin e Steve Wonder, além do vice-presidente americano, Joe Biden, e da primeira-dama, Michelle Obama. Este não é só o primeiro monumento que honra uma pessoa negra, mas tam-

“ O ser humano deve desenvolver, para todos os seus conflitos, um método que rejeite a vingança, a agressão e a retaliação. A base para esse tipo de método é o amor. ”

bém é o único desta importância a ser dedicado a uma personalidade que não tenha sido um presidente dos Estados Unidos.

Através de sua filha Bernice King, o “Oscar” da Comunidade Negra irá prestar uma homenagem a Martin Luther King Jr. que ajudou a mudar a história e serve de inspiração para tantos outros que como ele “têm um sonho”. Toda cerimônia da décima edição do Troféu Raça Negra será baseada no discurso feito por Martin, em 28 de agosto, de 1963, “I have a dream” (Eu tenho um sonho).

A seguir um trecho deste memorável discurso do ativista assassinado na manhã de 4 de abril de 1968, aos

39 anos, antes de uma marcha, em um quarto de um hotel na cidade de Memphis. Martin Luther King é símbolo de luta pelos direitos civis

“Voltem para o Mississippi, voltem para o Alabama, voltem para a Geórgia, voltem para a Louisiana, voltem para as favelas e guetos de nossas cidades do norte sabendo que, de alguma forma, esta situação pode e vai ser mudada. Não nos arrastemos pelo vale do desespero. Digo hoje a vocês, meus amigos, que apesar das dificuldades e frustrações do momento, ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Eu tenho um sonho de que um dia esta nação vai se levantar e viver o verdadeiro significado de sua crença: ‘Consideramos essas verdades auto-evidentes: que todos os homens são criados iguais’. Eu tenho um sonho de que um dia, nas montanhas da Geórgia, os filhos de antigos escravos e os filhos de antigos donos de escravos serão capazes de sentarem-se juntos à mesa da fraternidade. Eu tenho um sonho de que meus quatro filhos um dia viverão numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas sim pelo conteúdo de seu caráter (...). Quando permitirmos que a liberdade ecoe, quando permitirmos que ela ecoe em cada vila e cada aldeia, em cada estado e cada cidade, seremos capazes de avançar rumo ao dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar as mãos e cantar as palavras da velha cantiga negra, ‘Enfim livres! Enfim livres! Graças a Deus Todo-Poderoso, enfim estamos livres’.” ■

Sua retórica notável, capaz de mobilizar multidões emocionadas, foi o elemento-chave para divulgar a causa dos direitos civis nos Estados Unidos. Acompanhe algumas das frases que dão a dimensão do que pregava o ícone:



Nada no mundo é mais perigoso que a ignorância sincera e a estupidez conscienciosa.

Um líder verdadeiro, em vez de buscar consenso, molda-o.

Quase sempre minorias criativas e dedicadas transformam o mundo num lugar melhor.

O que mais preocupa não é o grito dos corruptos, dos violentos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética.
O que mais preocupa é o silêncio dos bons.

Se um homem não descobriu algo por que morrer, ele não está preparado para viver.

Sonho com o dia em que a justiça correrá como água e a retidão como um caudaloso rio.

Nós temos que combinar a dureza da serpente com a suavidade da pomba, uma mente dura e um coração tenro.

O Amor é a única força capaz de transformar um inimigo num amigo.

A Verdadeira paz somente não é a falta de tensão, é a presença de justiça.

Fotos: United States Library_of_Congress

Troféu 2012

é lançado em ritmo de
festa!

**Por Rejane Romano*

A festa de lançamento de uma década do Troféu Raça Negra 2012 teve início em grande estilo. Artistas negros em destaque na mídia e o anfitrião, Marcos Simões, vice presidente da Coca-Cola Brasil, confraternizaram a alegria de perceber que aos 10 anos de vida a premiação vem mudando a história da sociedade brasileira. O almoço realizado na sede da Coca-Cola Brasil consagrou o sucesso.

Para abrir os trabalhos o vice presidente da Coca-Cola Brasil, Marcos Simões, falou sobre o orgulho de fazer parte da iniciativa.

“Estou muito orgulhoso, pela capacidade de mudança e simbolismo que a Afrobras trouxe. Para mim pessoalmente e para Coca-Cola Brasil, o Troféu Raça Negra representa nossos valores de diversidade e a capacidade de fazer mudanças e proporcionar novas oportunidades. Tenho certeza que este é só o começo, estamos passando por um momento de mudanças drásticas quanto a questão dos negros, como ocorreu com as cotas raciais nas universidades federais. Eu sei o quanto a Afrobras e o Troféu Raça Negra foram importantes nessa mobilização”.

Em clima de retrospectiva, momentos ímpares das cerimônias foram lembrados. Como a primeira edição a fim de incluir e enaltecer a participação do negro nos 500 anos de Brasil, o resgate e a dívida a ser paga ao cantor Wilson Simonal, a homenagem a Michael Jackson, Milton Nascimento...

Foi revelado que o evento será roteirizado em cima do discurso de Martin Luther King Jr., e contará com a presença da filha do grande defensor dos direitos civis dos EUA, Bernice King, no Troféu chamado “I have a dream”. A Miss Mundo angolana, Leila Lopes é uma das promessas para esta décima edição.

Como Mestre de Cerimônia, desta

edição o ator Érico Brás revelou uma prévia de como será sua participação no evento.

“Nada em nossa vida acontece por acaso, o que cai em nossa mão é porque somos capazes de conduzir. O que está acontecendo aqui agora com esta quantidade de negros reunidos é o avanço e a materialização do que minha mãe me disse, que nós temos um lugar na sociedade. Não quero uma revolução para amanhã, mas sim para hoje. Então vamos celebrar mais um troféu. Me sinto honrado e privilegiado.”

Pelo que representa e por ter estado na primeira edição de entrega das estatuetas, Chica Xavier falou sobre a emoção do decênio da festividade. “Nasci em Salvador, filha de uma mãe pobre que lavava roupa para me criar. Apesar de ter recebido propostas para me dar ela me manteve junto a si. Com 14 anos eu já estava trabalhando e posteriormente tornei-me a atriz que vocês conhecem hoje, sempre lutando pela igualdade racial.”

O presidente da Afrobras, José Vicente falou sobre o “Oscar” da Comunidade Negra. “São dez anos de consolidação das mudanças no Brasil. Eu ousaria dizer que grande parte das mudanças ocorridas no Brasil quanto ao tema negros tem o nosso traço, no troféu e nas nossas realizações pessoais. Quem acompanhou viu que grandes personalidades passaram pelo Troféu. Dez anos depois colocamos o nosso evento como o mais importante da semana da Consciência Negra e parte do calendário da Cidade de São Paulo.”

Ainda foi revelado que a cerimônia deste ano irá traçar uma trajetória paralela da temática negra dentro e fora do Brasil. Um conjunto de personalidades será escolhido para ser premiado em alusão ao tema.

Com muita descontração a cantora Flávia Santana animou o evento e colocou ícones como Chica Xavier e Marina Miranda para dançar. ■



“ Sempre quis participar desta premiação. Estou muito feliz por estar aqui e com certeza estarei em São Paulo vivendo de perto essa emoção. ”
– Cacaú Protásio

“ Para mim pessoalmente e para Coca-Cola Brasil, o Troféu Raça Negra representa nossos valores de diversidade e a capacidade de fazer mudanças e proporcionar novas oportunidades. ”
– Marcos Simões

lançamento troféu 2012



“ Estou com muita expectativa, quero conhecer a filha do Martin Luther King que vem para o Troféu, pois ele tem toda uma representatividade para nós negros. ”
– Quitéria Chagas



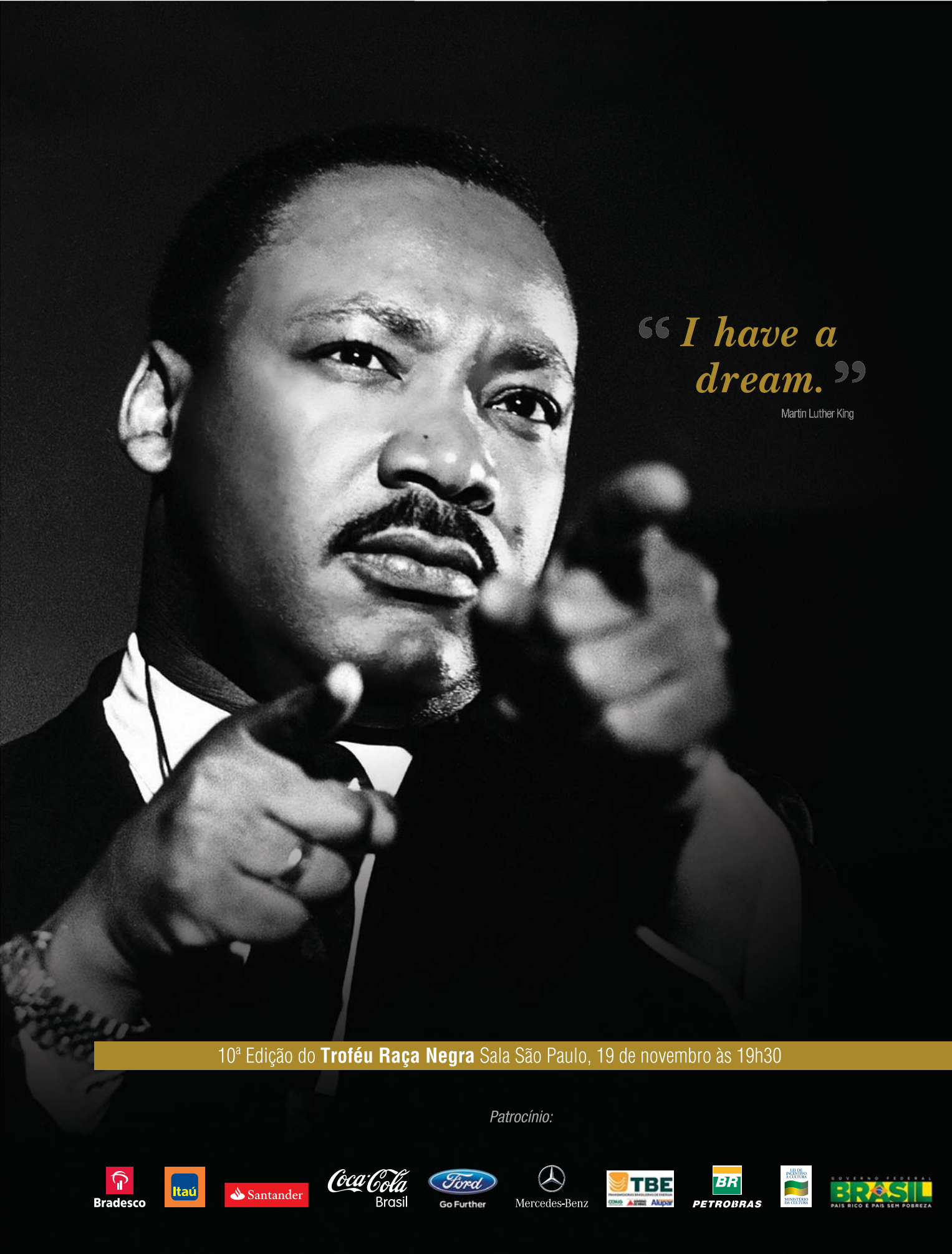


“ Aos dez anos de vida o Troféu Raça Negra já se consagrou como uma iniciativa de sucesso. Viver esta festividade, este encontro... é uma alegria que nós temos, de nos unirmos como raça e fazer festa mesmo, para que a cerimônia seja ainda mais bacana a cada ano. ”
– Luiz Melodia





“ O Troféu é uma premiação muito justa a qual eu apoio. Não pude participar das duas últimas edições por motivo de trabalho, mas estive lá junto, de coração. Essa iniciativa contribui e muito para divulgação e reconhecimento dos artistas negros. ”
– Rafael Zulu



“I have a dream.”

Martin Luther King

10ª Edição do **Troféu Raça Negra** Sala São Paulo, 19 de novembro às 19h30

Patrocínio:



Para viver um sonho é preciso lutar por ele.



Nos últimos 10 anos, o Troféu Raça Negra reconheceu e valorizou as pessoas que ajudaram o Brasil a mudar, a ser mais orgulhoso de sua gente e de sua raça, a ser mais justo, plural e inclusivo. Há 10 anos começamos uma luta que está longe do seu final, mas que ajudou a promover conquistas irreversíveis: a aprovação da Lei de Cotas Raciais; a chegada do Ministro Joaquim Barbosa à presidência do STF; o aumento do número de estudantes negros nas universidades brasileiras. Conquistas que nos enchem de orgulho e responsabilidade e que nos fortalecem para continuar homenageando e reconhecendo as pessoas de todas as raças que lutam pela valorização, pela educação e pela inclusão social do negro brasileiro. **Troféu Raça Negra. 10 anos fazendo a diferença através da luta pela igualdade. Um sonho que, cada vez mais, se torna realidade.**

Apoio:

Realização:

CARAS

CartaCapital

ESTADÃO


NEGROS
= FOCO

SESI

afrobras
Sem Educação Não Há Liberdade

FACULDADE
ZUMBI DOS PALMARES
SÃO PAULO - BRASIL

Valeu Zumbi!

A circular portrait of Zumbi dos Palmares, a Black man with a serious expression, wearing a dark garment. The portrait is centered behind the large text 'Valeu Zumbi!'. The text is in a white, sans-serif font, with 'Valeu' on the top line and 'Zumbi!' on the bottom line. The background is a dark, textured grey.

O Herói negro que serve de referência e estímulo para muitos é o patrono que dá nome à Faculdade Zumbi dos Palmares

**Por Rejane Romano*

Zumbi, que em época remota lutou a custo da própria vida contra os abusos e atrocidades da escravidão, deixou marcas na sociedade que impulsionam até hoje atitudes em prol das mudanças.

Podemos citar como umas destas atitudes a iniciativa do Troféu Raça Negra, um evento que começou com a pretensão de dar visibilidade aos negros e reconhecer atitudes que impulsionassem e fomentassem a evolução da sociedade.

Realizado justamente nos mês da Consciência Negra, há um divisor de águas, antes e depois do advento da premiação.

Alguns acreditam em “acaso” outros em “destino” e há ainda os que acreditam em “mobilização”. Seja como for, acontecimentos importantíssimos para a quebra de paradigmas, para tornar a sociedade brasileira mais plural, culminam

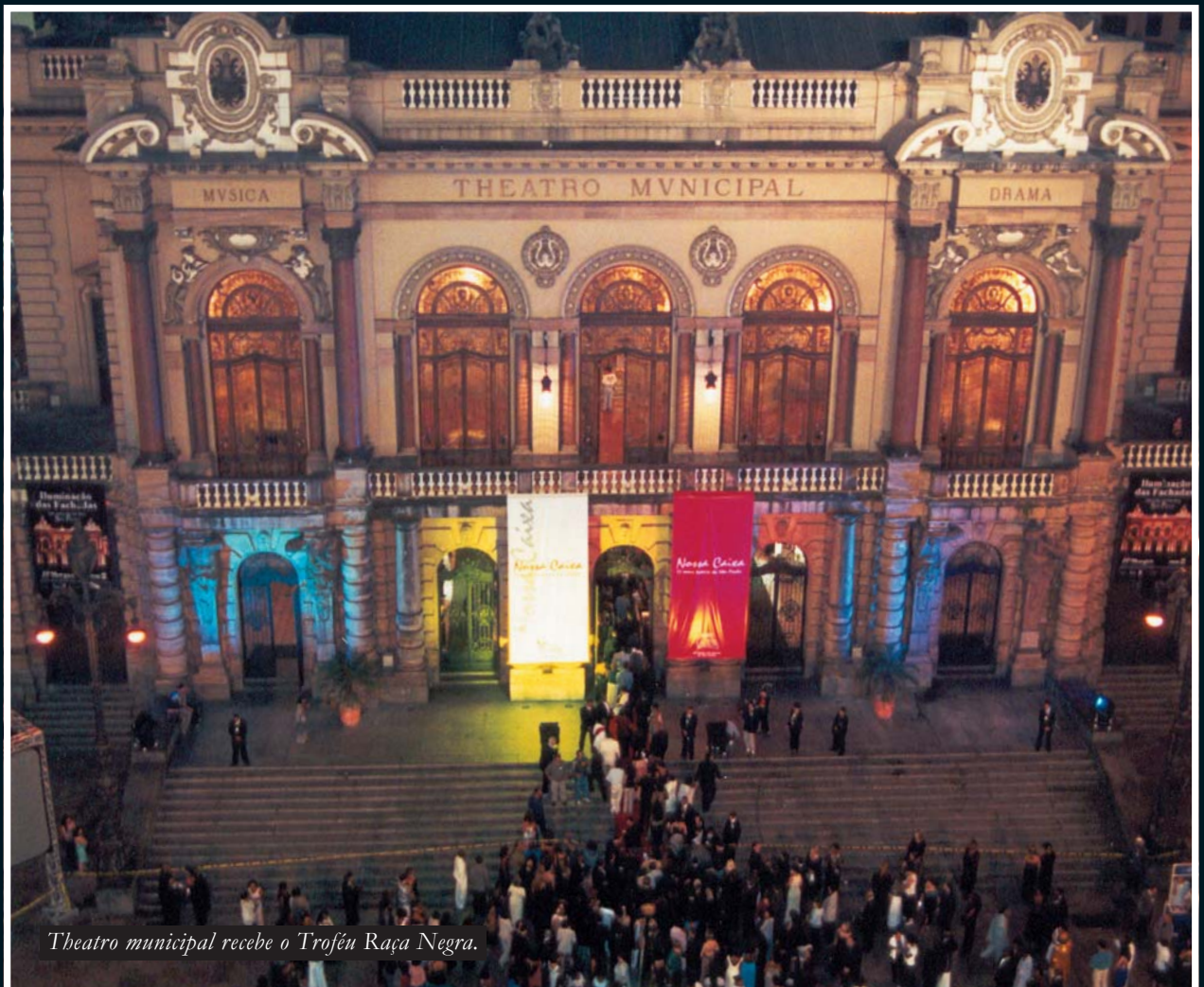
com as edições do “Oscar” da Comunidade Negra.

O palco de entrega das estatuetas além de glamour, sempre demonstrou sagacidade e tornou-se um espaço para discussões e motivação em busca da equidade.

2000 — O primeiro passo

Pela primeira vez no Brasil um evento primava por enaltecer e homenagear artistas, atletas, empresário, autoridades, personalidades... Pessoas que até então não tinham seus feitos em favor da comunidade negra divulgados.

O Teatro Municipal foi o palco para a edição comemorativa aos 500 anos do Brasil, na primeira edição do Troféu Raça Negra.



Theatro municipal recebe o Troféu Raça Negra.



Cerimônia de inauguração da Faculdade Zumbi dos Palmares.

2004 Nasce um novo Quilombo

Em fevereiro deste ano um grande passo foi dado para a inclusão de jovens negros no ensino superior. Tinha início as aulas da primeira turma do curso de Administração da Faculdade Zumbi dos Palmares.

Inaugurada em 2003 a Zumbi tornou-se um bálsamo para muitos jovens que ansiavam pelo direito a uma

educação de qualidade, com valor acessível, que lhes possibilitasse novas oportunidades intelectuais e no mercado de trabalho.

Neste ano, os primeiros 200 alunos matriculados tiveram a oportunidade de assistir a aulas que trabalhavam a temática do negro.



Primeiro dia de aula na Faculdade Zumbi dos Palmares.

2008 – O ano do líder negro

Mesmo a muitos quilômetros de distância a Faculdade Zumbi dos Palmares apoiou incondicionalmente a candidatura de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos.

A festa da vitória explodiu no campus da Zumbi. Uma alegria incontida por ver um presidente negro no comando da maior potência mundial, a vitória da esperança.

A consulesa diretora do departamento de diplomacia do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo, Laura Gold, representou o presidente Barack Obama na cerimônia do Troféu Raça Negra, sendo a portadora de uma placa de congratulações pela eleição de Obama.



Comemoração dos alunos da Zumbi pela vitória do presidente Barack Obama.



2008 – A educação que liberta

No dia 13 de março de 2008, o ginásio do Ibirapuera ficou lotado para presenciar a primeira formatura da Faculdade Zumbi dos Palmares. Como patrono, fato nunca antes visto, o então presidente da República, Luiz Inácio

Lula da Silva, além de várias outras autoridades, artistas das mais distintas áreas e personalidades. Todos presentes para ver e participar da vitória da inclusão.





O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, patrono da segunda turma de Administração da Zumbi e personalidades.

2009 – Presente para a comunidade

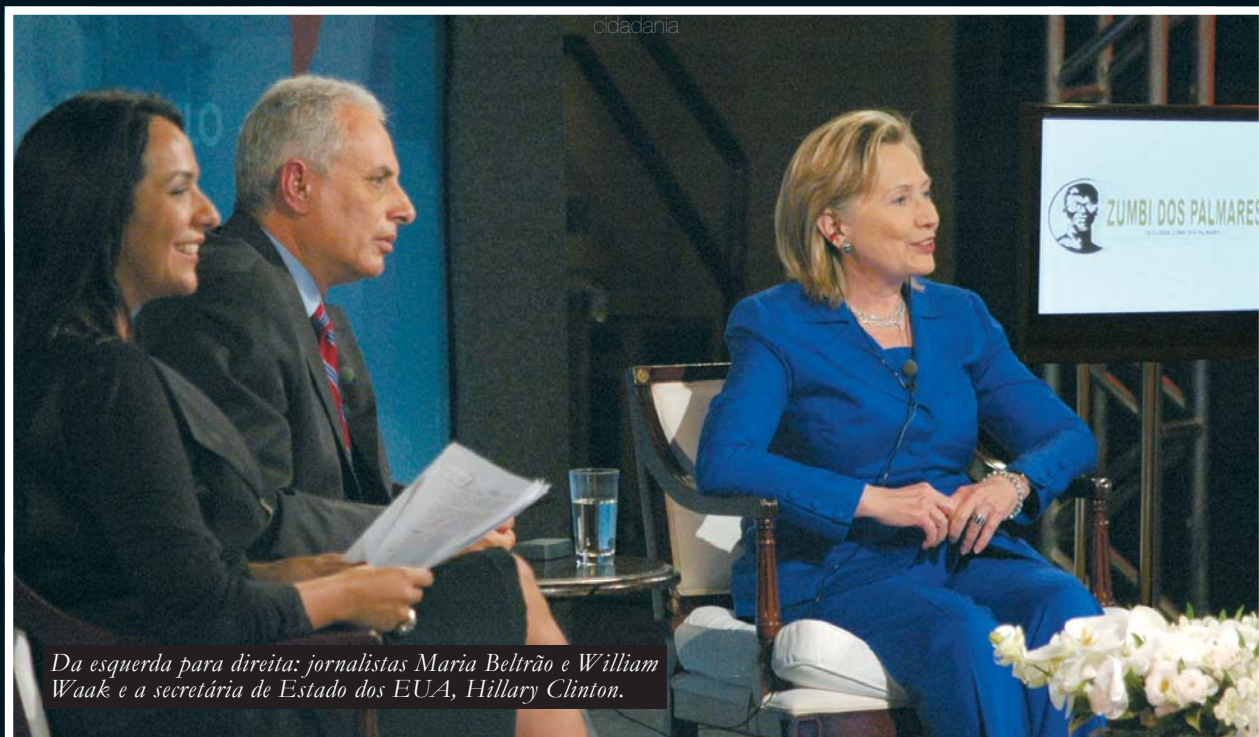
A comunidade recebeu em pleno palco da Sala São Paulo a boa nova da parceria entre a Afrobras (Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural) e o governo do Estado, através do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), para criação do Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares. Além da assinatura de convênios com o Hospital do Coração (HCor). Todos com foco em educação e capacitação através de

curso técnico gratuito direcionados a inclusão de jovens negros no mercado de trabalho.

Na mesma ocasião a rede de supermercados Carrefour também firmou um acordo oferecendo 50 bolsas de estudos integrais a alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares e o Ministério da Justiça firmou parceria com a Zumbi para formação de especialistas em Direito de Cooperação Internacional.



Regina Pitoschia, gerente de Comunicação do Carrefour, Laura Laganá, diretora superintendente do Centro Paula Souza, Geraldo Alckmin, José Serra, José Vicente, presidente da Afrobras e Maurício Correia, representante da Secretaria Nacional de Justiça.



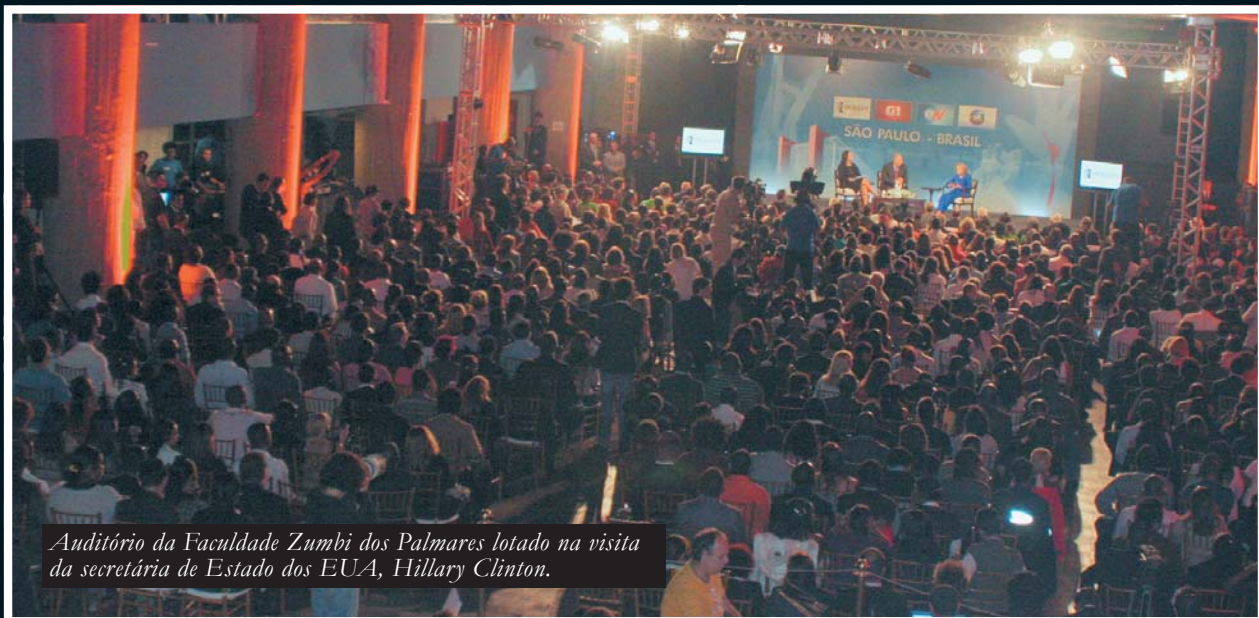
Da esquerda para direita: jornalistas Maria Beltrão e William Waack e a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton.

2010 – Visita de Prestígio

Em pleno mês da mulher, no dia 3 de março, uma das mulheres mais influentes do mundo, a secretária de Estado Hillary Clinton esbanjou simpatia no campus da Faculdade Zumbi dos Palmares.

A secretária respondeu a perguntas, tirou fotos e

recebeu uma placa alusiva a sua visita. Mais de mil pessoas presenciaram Hillary em seu único compromisso não oficial no Brasil, transmitido ao vivo pela Rede Globo de Televisão para o mundo, diretamente do Salão Nobre da faculdade.



Auditório da Faculdade Zumbi dos Palmares lotado na visita da secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton.



Assinatura da sanção pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

2010 – Estatuto da Igualdade Racial sancionado

Após ser discutido por mais de dez anos no Congresso Nacional, no dia 20 de julho, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou o Estatuto da Igualdade Racial. Criado para estabelecer diretrizes e garantir direitos para a

população negra o texto aprovado deixou de fora muitas questões abordadas no documento original criado pelo senador Paulo Paim como a questão das cotas em universidades e o projeto de incentivo a empresas que contratam negros.



Raça Negra; o troféu da afirmação

Troféu Raça Negra 2011 em homenagem ao Ano Internacional dos Afrodescendentes.

2011 Ano Internacional dos Afrodescendentes

Decretado pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Troféu Raça Negra 2011, em homenagem ao Ano Internacional dos Afrodescendentes levou para o palco da Sala São Paulo a reflexão sobre os avanços e carências da comunidade negra.

Um total de 26 estatuetas foram entregues às pessoas que contribuem com esta causa, que buscam uma

sociedade mais justa.

Assunto este que foi pauta de todos os veículos da Afrobras (Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural), sendo debatido no site da Agência internacional de Notícias Afroétnicas Afrobrasnews, no programa televisivo Negros em Foco e numa edição Especial da revista Afirmativa Plural.



2012 – Constitucionalidade das cotas raciais nas universidades públicas federais

O dia 26 de maio deste ano com certeza entrou para história como um dia de conquistas. O Supremo Tribunal Federal aprovou em unanimidade as cotas raciais nas universidades públicas federais. Claro que a Faculdade Zumbi

dos Palmares não poderia ficar de fora de um momento histórico como esse. Um ônibus repleto de alunos da Zumbi foi a Brasília apoiar as cotas.



Formatura da 1ª turma de Direito da Zumbi dos Palmares

Em setembro, 70 alunos do curso de Direito colaram grau na presença de Patronos e paraninfos mais que ilustres como o presidente do Supremo Tribunal Federal, Ayres Britto, o vice-presidente da República, Michel Temer, os

ministros Aloizio Mercadante e José Eduardo Cardozo, da Educação e Justiça, respectivamente, do governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin e da Deputada Federal Benedita da Silva, entre outras autoridades. ■



cidadania

Foto: Wilson Dias / Abr

Cotas

Lei Geral de

Presidenta Dilma Rousseff se mobiliza para lançamento
de pacote de ações de afirmativas

Está previsto para novembro deste ano o anúncio de um amplo pacote de ações afirmativas. O plano deve ser anunciado no dia 20, quando se comemora o Dia da Consciência Negra.

A implantação de ações afirmativas é uma exigência do Estatuto da Igualdade Racial, aprovado pelo Congresso em 2010, que define ser negro “aquele que se diz preto ou

pardo”. Desta forma, negros e pardos somam mais da metade dos 191 milhões de brasileiros, de acordo com o Censo de 2010.

As propostas foram compiladas

pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e estão distribuídas em três grandes eixos: trabalho, educação e cultura/comunicação.

Trabalho

Neste eixo estão previstas cotas para o funcionalismo público. A medida é defendida pessoalmente pela presidenta Dilma Rousseff e visa atingir tanto os cargos comissionados, quanto os concursados.

A cota no funcionalismo público federal está no primeiro capítulo: propõe piso de 30% para negros nas vagas criadas a partir da aprovação da legislação. O percentual será definido após avaliação das áreas jurídica e econômica da Casa Civil, já em andamento. Hoje, o Executivo tem cerca de 574 mil funcionários civis.

No mesmo eixo está a ideia de criar incentivos fiscais para a iniciativa privada fixar metas de preenchimento de vagas de trabalho por negros. Ou seja, o empresário não ficaria obrigado a contratar ninguém, mas seria financeiramente recompensado se optasse por seguir a política racial do governo federal.

Outra medida prevê punição para as empresas que comprovadamente discriminem pessoas em

razão da sua cor de pele. Essas firmas seriam vetadas em licitações.

Educação

No eixo educação, há ao menos três propostas principais: 1) monitorar a situação de negros cotistas depois de formados; 2) oferecer aos cotistas, durante a graduação, auxílio financeiro; 3) reservar a negros parte das bolsas do Ciência sem Fronteira, programa do governo federal que financia estudos no exterior.



Ainda em 2011 a Faculdade Zumbi dos Palmares se mobilizou para a inclusão do negro no programa Ciência sem Fronteiras. Durante uma reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República (CDES), o reitor da Zumbi, Dr.

José Vicente, que é um dos membros, manifestou-se em prol de um recorte para os negros. “Não podemos jogar pela janela a oportunidade de fazer a abolição. E isso acontece através da educação”, disse o reitor na ocasião.

Representantes de universidades americanas estiveram na Faculdade Zumbi dos Palmares a fim de delinear os parâmetros do programa que inicialmente teria como áreas prioritárias as ciências exatas e tecnológicas. O que segun-

do o Dr. José Vicente já seria uma forma de exclusão por estarem os universitários negros do Brasil, em sua maioria, em cursos relacionados a área de humanas.

Cultura Comunicação

No campo da cultura, há uma decisão de criar incentivos para criadores e produtores culturais negros. Na primeira semana de outubro, a ministra da Cultura, Marta Suplicy, anunciou que serão lançados editais exclusivos para essa parte

da população.

“É para negros serem prestigiados na criação, e não apenas na temática. É para premiar o criador negro, seja como ator, seja como diretor ou como dançarino. Não é racismo”, declarou a ministra da Cultura. ■

um basta

na violência contra jovens negros

O governo federal lançou no mês de setembro, em Maceió (AL), a primeira etapa de um programa para combater o crescente número de homicídios de jovens negros entre 15 e 29 anos no Brasil. A cada nova divulgação dos dados sobre homicídios no Brasil a mesma informação é dada: morrem por homicídio, proporcionalmente, mais jovens negros do que jovens brancos no país.

O programa denominado “Juventude Viva” começa como um piloto em quatro municípios do Alagoas e depois resultará em uma ação mais ampla, com maior abrangência em 132 municípios, que serão priorizados no Plano. E, posteriormente, o Plano de Prevenção à Violência Contra a Juventude Negra deverá ser adotado em todo o país.

Sob a coordenação da Secretaria Geral da Presidência da República, por meio da Secretaria Nacional de

Juventude e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), o Plano é resultado de uma articulação interministerial, além de ter sido debatido com os movimentos e entidades da sociedade civil.

O Juventude Viva foi elaborado com a parceria dos Ministérios da Saúde, Justiça, Educação, Trabalho e Emprego, Cultura e Esporte e reúne ações de prevenção voltadas para a redução da vulnerabilidade desses jovens, criando oportunidades que assegurem sua inclusão social e autonomia, com a oferta de equipamentos, serviços públicos e espaço de convivência nos territórios mais violentos, além do aprimoramento da atuação do Estado para enfrentar o racismo institucional e sensibilizar os agentes públicos para o problema.

O diagnóstico produzido pelo Governo Federal apresentado ao Conselho Nacional de Juventude (CON-

JUVE), abalizou que em 2010, morreram no Brasil 49.932 pessoas vítimas de homicídio, ou seja, 26,2 a cada 100 mil habitantes. 70,6% das vítimas eram negras. Em 2010, 26.854 jovens entre 15 e 29 foram vítimas de homicídio, ou seja, 53,5% do total; 74,6% dos jovens assassinados eram negros e 91,3% das vítimas de homicídio eram do sexo masculino. Tomando-se por base os anos de 2000 e 2010, o número de mortes de jovens negros subiu de 14.055 para 19.255. Segundo dados do Ministério da Saúde, dos mais de 75% dos jovens negros acometidos em homicídio uma das características é a baixa escolaridade.

Enquanto as mortes de jovens brancos caíram de 9.248, em 2000, para 7.065, em 2010, a morte de jovens negros cresceu de 14.055 para 19.255 no mesmo período.

A iniciativa começa em Alagoas, em caráter experimental. Maceió foi



escolhida por dois motivos: primeiro, pela posição que a cidade ocupa (2ª) entre as 132 que concentram mais de 70% dos homicídios registrados no país, mas também por ter sido a primeira cidade a abrigar o Programa Brasil Mais Seguro, do Ministério da Justiça. Além de Maceió, outras três cidades do estado integram essa lista, no caso, Arapiraca (30ª posição), Marechal Deodoro (119ª) e União dos Palmares (123ª). Serão investidos cerca de R\$ 70 milhões em recursos novos, distribuídos em mais de 30 iniciativas que integram 25 programas federais.

“Após a experiência no Alagoas, será apresentado um projeto à presidenta Dilma Rousseff que contemplará um programa nacional. Os erros e os acertos do Alagoas serão utilizados na elaboração de um programa que contemple todo o país”, afirmou a ministra da Sep-

pir Luiza Bairros durante o programa “Bom Dia, Ministro”.

Entre as iniciativas previstas pelo programa estão a adoção, pelas escolas estaduais, de aulas em período integral; a criação de espaços culturais em territórios violentos, o estímulo ao empreendedorismo juvenil associado à chamada economia solidária. Além disso, o programa também prevê ações de capacitação dos profissionais que atuam com os jovens, especialmente dos policiais.

Para o presidente da Afrobras (Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural) e reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente, o projeto “Juventude Viva” vai possibilitar obter informações reais sobre a violência contra os jovens negros. “Os recortes das ações que forem realizadas, trarão mais visibilidade a estes dados, promovendo o estímulo de outras

políticas públicas”, disse.

Segundo o reitor, a questão da violência contra o negro vem ganhando reconhecimento no país desde 1988, quando a Constituição tornou a prática do racismo crime sujeito à pena de prisão, inafiançável e imprescritível. “Só em 1988 o Brasil assumiu que é um país racista e grafou isso na Constituição”, afirmou.

A criação do programa “Juventude Viva” é uma ação necessária, uma vez que o jovem negro é vítima da violência policial, além de ser muito vulnerável à cooptação pelo tráfico de drogas. Basta observar que em qualquer presídio do país, se vê um número grande de jovens negros que, por um descuido social, encontraram no tráfico uma oportunidade. O problema a ser enfrentado é bem complexo, mas acredita-se que este será apenas o primeiro passo. ■



“Quase 80% dos novos integrantes da classe média são negros”, foi o que divulgou a pesquisa da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República. Esta constatação deixou muitos negros surpresos, mas a SAE explica que considera classe média, famílias com renda per capita entre R\$ 291,00 e R\$ 1.019,00 por mês. Considerando-se então que quem vive com mais de R\$ 1.019,00 por mês pertence à classe alta. Valores relativamente muito baixos, mas a comissão responsável pelos parâmetros afirma que a renda familiar por pessoa, de mais da metade da população é inferior a R\$ 440,00 por mês.

Em publicação do Portal G1 o secretário de Assuntos Estratégicos do órgão, Ricardo Paes de Barros,

informou que “o crescimento da classe média brasileira foi resultado de um crescimento com redução da desigualdade. Se tivéssemos tido o mesmo crescimento, sem redução das desigualdades, a classe média teria crescido apenas 5 pontos percentuais. Deste modo, dois terços [66%] do avanço da classe média [nos últimos dez anos] se deve à redução das desigualdades”. O estudo realizado pela SAE mostra que nos últimos dez anos, 35 milhões de brasileiros ascenderam à classe média que já soma mais de 100 milhões de pessoas no Brasil, mais da metade da população brasileira.

No entanto a transição de classe média para classe alta não acompanha os mesmos números. De acordo

com o levantamento da SAE, da Presidência da República, a renda per capita da classe alta brasileira é mais de quatro vezes superior à renda da classe média. “A gente tirou mais pessoas da classe baixa [para a classe média] do que aumentou a classe alta. A classe média continua ascendendo. Parte dela foi promovida à classe alta, e esse processo vai continuar ao longo da próxima década”, acredita Paes de Barros.

Para explicar tal situação o governo concluiu que a taxa de ocupação da classe média e o grau de formação são importantes, mas acrescentou que a educação é um “fator decisivo” para explicar a diferença entre a renda das classes média e alta. ■

Ricardo Paes de Barros.



Quilombola

consagra-se doutora em Educação no Paraná

Tese da primeira doutora quilombola do Brasil mostra permanência das dificuldades para estudantes negros

**Por Bibiana Dionísio*

A falta de oportunidades permeia milhares de estudantes de diferentes cidades do Brasil. E é sabido que os obstáculos se tornam ainda maiores quando se fala em crianças e jovens negros, remanescentes de quilombos. A professora Edimara Gonçalves Soares, que viveu até os 15 anos em uma comunidade quilombola de Formigueiro, a 68 quilômetros de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, conseguiu transpor todos os desafios e consagrou-se, em agosto, a primeira doutora quilombola do país. O título foi defendido no Departamento de Educação da Universidade Federal

do Paraná (UFPR) e traz com ele reflexões sobre a condição do aluno afrodescendente, sobre o mito da democracia social e também sobre a tentativa infrutífera de se promover uma educação diferenciada para as crianças negras.

Edimara conta que a infância e o início da adolescência foram sofridos no quilombo, no aspecto educacional. Era preciso acordar às 4h30 e caminhar aproximadamente uma hora até o ponto onde pegava o ônibus. Os estudos, em casa, funcionavam a base de bambus, que ela colhia para fazer uma fogueira e assim iluminar cadernos e livros.

“A gente não tinha luz elétrica, eu estudava com fogo de chão. Não podia ficar gastando vela ou querosene dos lampiões, porque a gente não tinha também dinheiro para comprar. Toda a trajetória de estudo é marcada por muita luta, muito sacrifício, por muita garra e determinação”, lembrou a nova doutora.

Foi com a ajuda de uma família de amigos que Edimara saiu do quilombo e foi estudar em Santa Maria. O despertar para a vida acadêmica ocorreu em uma visita à feira de cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). “Eu queria entrar ali”, disse Edimara ao lembrar-se do

sentimento que senti ao pisar pela primeira vez em uma universidade. Vieram, então, a graduação, ainda no Rio Grande do Sul, e o mestrado e o doutorado no Paraná. “Quando eu ganhei a bolsa para o mestrado e vim para cá [Curitiba] foi a primeira vez que eu viajei de avião”. O desempenho no mestrado foi tão satisfatório que ela ingressou automaticamente no doutorado.

Agora, como doutora ela lamenta que as condições que as crianças são submetidas são as mesmas enfrentadas por ela. “A minha história, quanto estudante negra quilombola, é semelhante e, em certas situações, idêntica à história de muitas crianças quilombolas que estão em fase escolar”, afirma. Ela olha para trás e lembra que foi a única da comunidade dela que conseguiu dar continuidade aos estudos. Segundo Edimara, as dificuldades são tão sólidas que se criou um ciclo difícil de ser rompido, seja na condição estrutural oferecida pelo poder público seja pela condição social que, em determinado momento da vida, que impõe ao estudante apenas uma opção: abandonar os estudos para trabalhar e sobreviver. Edimara diz que não são raros os casos em que escolas próximas a quilombos são fechadas e as crianças são transferidas para unidades distantes de onde vivem.

Este e outros acontecimentos da rotina escolar das comunidades quilombolas do estado do Paraná foram abordados e analisados na dissertação de Edimara. O título da tese é “Educação escolar quilombola: quando a política pública diferenciada é indiferente” e mostra, conforme explica Edimara, que ainda que o Governo do Paraná, por meio do

Departamento de Diversidade e o Núcleo de Educação das Relações Etnicorraciais e Afrodescendência (NEREA), ambos da Secretaria de Estado de Educação, tenha sido pioneiro na implantação de um currículo diferenciado para alunos remanescentes de quilombo, a ação foi “inócua a despeito de todo o investimento e esforço que foi feito”.

“Faltou uma articulação, efetiva, com as universidades, com as instituições formadoras. Faltou uma parceria com as comunidades quilombolas e também houve uma ausência de ações pedagógicas, de maneira sistemática e permanente, com os professores, no interior destas escolas. As ações foram pontuais, não foram ações sistemáticas”, explica. Para Edimara também faltaram investimentos financeiros. “É a fartura da falta”.

A doutora enfatiza que os docentes não podem ser culpados pela falha na aplicação da proposta da Secretaria de Educação e destaca que o despreparo dos professores é reflexo da graduação. De acordo com Edimara, a universidade não forma os acadêmicos, que futuramente serão a autoridade em sala de aula, para trabalhar questões etnicorraciais e de diversidade.

“Ninguém ensina, o que não sabe. Eles, nós não tivemos acesso a esses conhecimentos na formação inicial, enquanto professores, porque somos produtos de uma educação eurocêntrica, de um currículo monocultural, e não foram dadas as condições necessárias”, contextualiza.

Na tese, Edimara aponta algumas maneiras de se rever este cenário.

“Não é algo que vai ser de hoje para amanhã, demanda todo um esforço, uma vontade política e de

investimento financeiro”. De qualquer forma, ela sugere a resolução das problemáticas identificadas e, principalmente, a necessidade de se reconhecer que existe o racismo. “É preciso reconhecer a existência deste fenômeno, criar mecanismo para combatê-lo, porque ele está presente de forma muito contundente nas escolas dentro das comunidades quilombolas e nas demais”, assegurou.

O fato de o estudo ter sido desenvolvido por uma quilombola embuti outra representação à tese. “Não é um estrangeiro dizendo como que é um quilombola, o que ele tem que fazer, como ele deveria ser. Não é o sujeito de fora narrando os nativos. É alguém de dentro do grupo que conta a sua própria trajetória e ao contar essa história, conta também a trajetória de muitos estudantes de muitas pessoas quilombolas”, explicou entusiasmada.

Ser a primeira doutora quilombola do país é extremamente simbólico para Edimara, contudo, não deixa de fomentar reflexões. “Eu tenho orgulho, sim. Mas é um orgulho que me faz refletir sobre o quanto a desigualdade, o preconceito, o racismo institucional são fenômenos perversos e que não são reconhecidos, dado o mito da democracia racial. Nós vivemos em um país da diversidade racial, onde somos todos iguais... Só que nessas diversidades, as desigualdades não são reconhecidas, são dissolvidas”, refletiu Edimara Soares. ■

**Bibiana Dionísio é jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, repórter do Portal G1 de notícias da RPCTV – afiliada da Rede Globo no Paraná.*

pe

Foto: Fabio Rodrigues Pozebon / ABr

Um negro no comando da corte

Primeiro negro a ocupar uma das 11 vagas de ministro no Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa entra definitivamente para a história ao ser empossado como presidente do Supremo Tribunal Federal. Um negro no comando da corte brasileira.

História

A história de Joaquim Barbosa fala por si só. Primogênito de oito filhos, com pai pedreiro e mãe dona de casa. Desde os 10 anos “Joca”, como era chamado, trabalhava com o pai. Aos 16 anos foi sozinho para Brasília em busca de uma vida melhor, se mudou para a casa de uma tia na cidade do Gama.

Após completar o segundo grau em um colégio público, formou-se bacharel em Direito pela UnB e trabalhou na composição gráfica de jornais, no Itamaraty. Ingressou por concurso no Ministério Público Federal, tendo cursado mestrado e doutorado

pela Universidade de Paris.

Hoje, Barbosa fica a maior parte do tempo em Brasília, onde mora com a mãe, os sete irmãos e os sobrinhos. O pai já morreu. O ministro tem também um apartamento no Leblon, no Rio, cidade onde vive seu único filho, Felipe, de 26 anos. Se separou há pouco de uma companheira depois de 12 anos de relacionamento.

Foi visiting scholar no Human Rights Institute da faculdade de direito da Universidade Columbia em Nova York e na Universidade da Califórnia Los Angeles School of Law. Fez estudos complementares de idiomas estrangeiros no Brasil, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Áustria e na Alemanha. É fluente em francês, inglês, alemão e espanhol.

Autor de vários artigos doutrinários sobre a questão das ações afirmativas. Toca piano e violino desde os 16 anos de idade.

Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo o ministro relatou que o “dia mais chocante” de sua vida foi em 7 de maio de 2003, quando entrou no Palácio do Planalto para ser indicado ministro do STF pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nove anos depois desta data memorável Joaquim Barbosa chega ao posto máximo da suprema corte brasileira.

Personalidade

Como relator do processo do Mensalão, no plenário do STF, Barbosa tem se destacado, ganhando a cada colocação feita mais notoriedade e respeito, visto a comparação dele com o super herói dos quadrinhos, Batman, ambos com suas capas pretas “na luta pelo bem”.

Mas, o ministro não gosta de ser

“O racismo se manifesta em “piadas, agressões mesmo”. “O Brasil ainda não é politicamente correto. Uma pessoa com o mínimo de sensibilidade liga a TV e vê o racismo estampado nas novelas.”

tratado como “herói” do julgamento. “Isso aí é consequência da falta de referências positivas no país. Daí a necessidade de se encontrar um herói. Mesmo que seja um anti-herói, como eu.” Para o ministro “um magistrado tem deveres a cumprir” e que a sociedade espera do juiz “imparcialidade e equidistância em relação a grupos e organizações”.

Sua postura aguerrida e a atitude de não ter medo de falar são marcantes em sua personalidade, o que denota-se inclusive em suas reflexões quanto a questões que envolvem o racismo.

“A imprensa brasileira é toda ela branca, conservadora. O empresário, idem”, diz. “Todas as engrenagens de comando no Brasil estão nas mãos de pessoas brancas e conservadoras.”

O racismo se manifesta em “piadas, agressões mesmo”. “O Brasil ainda não é politicamente correto. Uma pessoa com o mínimo de sensibilidade liga a TV e vê o racismo estampado nas novelas.”

Barbosa esclarece ainda que já discutiu com vários colegas do STF, mas

“O racismo parte da premissa de que alguém é superior. O negro é sempre inferior. E dessa pessoa não se admite sequer que ela abra a boca. ‘Ele é maluco, é um briguento’. No meu caso, como não sou de abaixar a crista em hipótese alguma...”

diz que polêmicas “são muito menos reportadas, e meio que abafadas, quando se trata de brigas entre ministros brancos”.

“O racismo parte da premissa de que alguém é superior. O negro é sempre inferior. E dessa pessoa não se admite sequer que ela abra a boca. ‘Ele é maluco, é um briguento’. No meu caso, como não sou de abaixar a crista em hipótese alguma...”

Barbosa revela que o racismo apareceu em sua “infância, adolescência, na maturidade e aparece agora”.

A posse no STF

Prevista para novembro muito se pode esperar da presidência de Joaquim Barbosa no STF. Ele diz que pretende, no cargo, lançar discussões sobre práticas do Judiciário. “No Brasil, coisas absurdas são admitidas como as mais naturais. Por exemplo, filhos e mulheres de juízes advogarem nas cortes em que seus parentes atuam. Se você fizer uma interpretação rigorosa do devido processo legal, da igualdade de armas que o juiz deve conceder às partes, pode chegar à conclusão de que essa prática é ilegal.”

Ele acha que a situação é tão imprópria quanto magistrados receberem advogados sem que a parte contrária do litígio esteja presente.

“Eu não suporto essa ideia porque cria uma desigualdade muito grande. Em qualquer país civilizado do mundo, é considerada uma falta gravíssima do juiz. Para receber uma das partes, ele tem que receber a outra.”

Para o magistrado, “é preciso ter em mente que o tribunal não é como outro qualquer. Tem atribuições jurídicas, mas com repercussões políticas. É muito mais um órgão de equilíbrio entre poderes do que um órgão de prestação jurisdicional comum”. ■

Cronologia de Joaquim Barbosa

« 1954 »

Nasce em Paracatu (MG). Seu pai era pedreiro. Aos 16 anos, vai para Brasília. Estuda direito na Universidade de Brasília de 1975 a 1982. Trabalha como oficial de Chancelaria do Ministério das Relações Exteriores de 1976 a 1979.

« 1979 »

Começa a trabalhar como advogado do Serpro (Serviço Federal de Processamento de Dados). Ao mesmo tempo, faz uma pós-graduação na UnB de 1980 a 1982, tornando-se especialista na área de direito e Estado por essa universidade.

« 1984 »

Torna-se procurador do Ministério Público Federal, tendo atuado em Brasília (1984-1993) e no Rio de Janeiro (1993-2003). Também exerce a chefia da consultoria jurídica do Ministério da Saúde (1985-1988), na gestão Sarney.

« 1988 »

Com bolsa do CNPq, faz o mestrado (1989-1990) e o doutorado (1990-1993) em direito público na Universidade de Paris. Retoma sua atividade como procurador. Publica, em 1994, “La Cour Suprême dans le Système Politique Brésilien”.

« 2003 »

Nomeado pelo presidente Lula, torna-se ministro do STF. Em 2006 torna-se relator do inquérito sobre o mensalão, convertido em ação penal em 2007.

« 2012 »

Ganha destaque em suas manifestações durante o julgamento da constitucionalidade das cotas raciais nas universidades públicas federais, em Maio. Com o início do julgamento do mensalão passa a ser comparado a um herói.



COLÉGIO ZUMBI DOS PALMARES.

Preparando profissionais, formando cidadãos.

Criado com o apoio e parceria do Centro Paula Souza, do Senai-SP e do HCor – Hospital do Coração, o Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares oferece ensino técnico e gratuito de qualidade, inclusão profissional e desenvolvimento humano e social a jovens e adultos de baixa renda na cidade de São Paulo: mais integração, mais oportunidade, mais participação.

**Educação forjando liberdade.
E cidadania.**



ZUMBI DOS PALMARES

COLÉGIO DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

Iniciativa:

afrobras

Sem Educação Não Há Liberdade

Parceiros:

CENTRO PAULA SOUZA

**GOVERNO DE
SÃO PAULO**

SENAI

HCor
Hospital do Coração

A woman with long dark hair, wearing a dark dress, is looking up at a large, full moon in a dark, cloudy sky. To her right is a large, weathered stone cross with chains hanging from it. The background shows a dark, hilly landscape under a full moon.

frente a frente com o VAMPIRO

**Por Dulcinéia Novaes*

Naquele dia ela perdeu a fala. Emoção maior impossível!

De repente, ali, ao alcance dos olhos, o Vampiro. O Vampiro de Curitiba. É assim que o renomado escritor paranaense - Dalton Trevisan - é conhecido sob o Título do livro que ele escreveu em 1965 e que se tornou célebre, marco de identificação do autor. A vida dele é cercada de mistérios. É neles que ele se esconde e reforça o mito.

Naquela época, quando se depa-rou com o escritor, a professora Sueli Monteiro estava desenvolvendo a tese de doutorado que versava justamente sobre o olhar crítico dos críticos que discutiam a obra de Dalton.

Quando viu aquela figura misteriosa adentrar o portão da antiga casa no centro de Curitiba, num ímpeto, a professora parou o carro e nem lembra como e onde estacionou. Correu a tempo de chamar o escritor. E ele ouviu.

Quase sem fôlego ela balbuciou que estava escrevendo uma tese de doutorado sobre ele, indiretamente sobre a obra dele.

A professora conta que Dalton “Balançou a cabeça positivamente”. E que a atendeu rápida e tranquilamente: Foi lá dentro da casa dele, voltou com alguns livros e disse: “Naturalmente, você já deve ter lido todos. Mas são seus”. A conversa não passou do portão. Mas valeu por uma vida. Momento notável, raríssimo, que a professora jamais esquecerá: “Foi um dos momentos mais felizes da minha trajetória acadêmica”, diz ela.

Dalton Trevisan não aparece de jeito nenhum. Não mostra o rosto. Não dá entrevistas. Não tira fotografias. É totalmente avesso a qualquer possibilidade de exposição. Há alguns

anos, amigos próximos do escritor fizeram um retrato falado de Dalton.

Em maio deste ano, ganhou o Prêmio Camões, o mais importante concedido a um autor de Língua Portuguesa. Escolha unânime da comissão



“ Dalton Trevisan – é conhecido sob o título do livro que ele escreveu em 1965 “*O Vampiro de Curitiba*” e que se tornou célebre, marco de identificação do autor. A vida dele é cercada de mistérios. É neles que ele se esconde e reforça o mito. ”

juizadora da 24ª edição do prêmio. A comissão organizadora não havia conseguido contato com ele para avisá-lo. Resta saber se ele deu o ar da graça para receber os 100 mil euros a que fez jus. Em junho foi laureado com o Prêmio Machado de Assis da Acade-

mia Brasileira de Letras.

Outros brasileiros também já foram agraciados com o Prêmio Camões: Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, João Ubaldo Ribeiro, Ferreira Gullar, Lygia Fagundes Telles e Raquel de Queiroz.

Recentemente o escritor esteve no centro de uma polêmica: o livro de contos “*Violetas e Pavões*” foi retirado dos cursinhos pré-vestibulares, no interior de Minas Gerais, a pedido de pais e professores. O livro estava na literatura prevista no programa de vestibular do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. O conteúdo foi considerado pesado, um tanto picante, para a faixa de idade dos estudantes. Houve reação e até um abaixo assinado via internet por parte dos alunos para restabelecer os contos de Dalton Trevisan para o programa de vestibular da UFV.

Polêmicas à parte, aos 87 anos, Dalton Trevisan continua arredio, enigmático e de forma incrível, sua obra é um instigante objeto de estudo: de monografias, de dissertações de mestrado a teses de Doutorado.

Como resultado do trabalho realizado sobre a crítica a respeito da obra de Dalton Trevisan, a professora Sueli de Jesus Monteiro acaba de lançar um livro intitulado: *O Vampiro não tem medo de crítica*, pela Editora Instituto Memória.

Quem esteve frente a frente com o mago das letras, dos contos polêmicos que retratam muito das histórias curitibanas, não tem mais nada a temer. Quem não quer se encontrar com um vampiro desses? ■

**Bibiana Dionísio é jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, repórter do Portal G1 de notícias da RPCTV – afiliada da Rede Globo no Paraná.*

sou
mais
uma

vítima

**Por
Sueli de Jesus Monte*

do Vampiro de Curitiba, graças a Deus!



Tentar dizer algumas palavras sobre Dalton Trevisan sem incorrer em superficialidade é tarefa complicada. Distanciar-me desta sempre foi minha preocupação. Em primeiro lugar, o autor empenhou-se sistematicamente, ao longo da carreira literária, em apagar a imagem pessoal, em ocultar o cidadão, o homem Dalton Trevisan, para permitir que o texto por ele produzido seguisse o próprio caminho. O empenho é tão grande que convida à reflexão. Torna-se um tanto incômodo ficar, portanto, enumerando as magras informações sobre a biografia que escaparam à vigilância do protagonista.

Para José Castello, Dalton Trevisan já não pode se libertar da imagem de Vampiro, o que “só vem atestar sua grandeza de escritor. É quando a máscara da escrita não pode mais ser desgrudada da pele que a literatura mostra, enfim, seu poder”. Um dos “mitos mais verossímeis que a literatura brasileira produziu neste século”, o Vampiro Dalton Trevisan parece mesmo mais coerente se entendido assim, neste jogo de espelhos

em que o reflexo é recusado. Quanto menos se sabe do homem, mais do texto se oferece a conhecer.

Esse caminho muitas vezes percorrido e nem sempre compreendido por quem se aventura a discutir as produções literárias de Dalton Trevisan, também por ele me enveredei. No período entre março de 1999 a dezembro de 2000, realizei uma pesquisa voltada para a coleta e análise da fortuna crítica do contista paranaense. Dessa pesquisa, resultou este livro que acabo de publicar, apontando os delineamentos do discurso crítico feitos à obra desse fenômeno do conto brasileiro.

Neste sentido, entendendo ser a obra desse escritor objeto de uma abordagem múltipla em seus métodos de trabalho, oscilando da crítica de rodapé estritamente considerada ao ensaio ou tese de natureza acadêmica (com as variações e possibilidades mistas), analisei em que medida cada crítico ou abordagem contribuiu em maior ou menor grau com a (in) compreensão da escrita de Dalton Trevisan, delimitando os traços básicos em que a tradição crítica posicionou tal compreensão.

É preciso esclarecer, no entanto, que quando me propus a estudar a recepção crítica de um documento literário universalmente conhecido e discutido como a obra de Dalton Trevisan, a escolha do tema não se deu por excesso de autoconfiança nem por ignorância da amplitude da tarefa. Ao contrário, fui levada pelo desejo de aprofundar o objeto de estudo e torná-lo acessível a um número maior de pessoas, pois ele me parecia digno do esforço a ser despendido.

Após algum tempo de estudo, senti que era impossível interromper

“Dalton Trevisan não é um escritor que tenha uma crítica consolidada, de perfil já definido. É provável que isso seja uma das maiores injustiças que se tenha cometido com ele. Quem tiver que pesquisar nessa direção tem que garimpar esses textos em jornais, arquivos, porque inexiste ainda um trabalho de sistematização dessa crítica.”

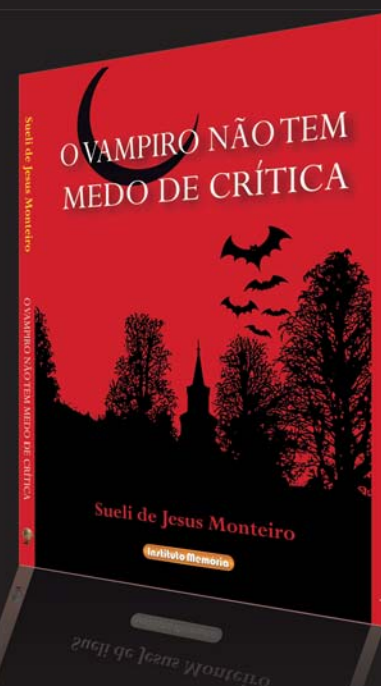
a pesquisa. Inúmeros questionamentos relacionados ao enfretamento do discurso crítico haviam sido respondidos até que satisfatoriamente, alguns continuavam me inquietando e outros surgiam com as leituras em processo.

Assim, decidi pela continuidade do trabalho, agora com o propósito de publicar uma trilogia: *O vampiro não tem medo de crítica*, *O vampiro não lê jornal* e, por fim, *O vampiro em fragmentos e críticas*. Tudo isso envolvendo a atuação da crítica de jornal e da acadêmica que se empenhou em registrar a produção literária de Dalton Trevisan, independentemente da vontade dele.

Isso, no entanto, ainda é muito pouco, pois Dalton Trevisan não é um escritor que tenha uma crítica consolidada, de perfil já definido. É provável que isso seja uma das maio-

res injustiças que se tenha cometido com ele. Quem tiver que pesquisar nessa direção tem que garimpar esses textos em jornais, arquivos, porque inexiste ainda um trabalho de sistematização dessa crítica.

Enfim, proporcionar acesso a todo esse material disperso, de diferentes épocas e suporte, com leitura e análises exaustivas tem sido minha intenção, embora a carga horária em sala de aula, quase sempre elevadíssima, tenha inviabilizado esse desejo. É fato que todo esse esforço teria sido, além de árduo, frustrante, se não fosse o prazer pessoal pela obra inspiradora dos documentos críticos sobre os quais tenho me debruçado durante alguns anos, tornando-me mais uma vítima do Vampiro de Curitiba. Ainda bem! ■



*Sueli de Jesus Monteiro é professora universitária, formada em Letras pela Universidade Federal do Paraná, Mestre e Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: suelijm@terra.com.br



desbravando novos horizontes

Ser audacioso, enxergar oportunidades onde as demais pessoas veem insegurança é um dom para poucos. O ex-aluno da Faculdade Zumbi dos Palmares, Haroldo Nascimento, é uma destas pessoas destemidas que não se intimidam diante de situações difíceis.

Ainda antes dos 20 anos o rapaz de origem humilde, resolveu desbravar novos horizontes e viajou sozinho para o México a fim de conhecer novas culturas. Até aí nenhuma novidade. O diferencial foi que Haroldo na época em questão, não dispunha de muito capital, foi fazer intercâmbio na casa de uma família desconhecida e para complicar um pouco a

situação, não falava uma palavra sequer do idioma local.

“Quando cheguei à casa da família que me hospedaria, foi que me deparei com a verdade absoluta de que não conseguia me comunicar em espanhol. Vi que o ‘portunhol’ que falamos aqui no Brasil não seria o suficiente. Demorei mais de meia hora para conseguir descobrir o caminho para a praia. Ao chegar lá me sentei e pensei: ‘E agora? O que vai ser de mim’”, lembra o ex-aluno, formado em Administração.

Este baque inicial não durou muito tempo, a personalidade forte e a vontade de conquistar objetivos fez

com que Haroldo seguisse adiante. Ainda na praia, mesmo sem domínio do idioma, fez amigos e começou a se entrosar com a população local fazendo parte de eventos, inclusive de mobilização social.

“Através dos amigos que fiz lá presenciei um dos momentos mais marcantes da minha vida ao ajudar na desova das tartarugas. Algo emocionante”. Esta foi apenas a primeira de muitas viagens. Ele já esteve na África do Sul e Paraguai, entre outros.

De volta ao Brasil procurou a Faculdade Zumbi dos Palmares por identificar que o projeto de inclusão vinha ao encontro de suas expectativas

e por considerar ser este um passo promissor para suas ambições. Mais uma vez Haroldo estava certo. Logo destacou-se junto aos alunos e foi eleito para a presidência do Centro Acadêmico.

Engajado com questões sociais e políticas, o então aluno da segunda turma de Administração resolveu promover no campus da instituição um debate com os candidatos para a eleição daquele ano. Sua personalidade forte não pôde passar despercebidamente o folder de um dos candidatos que descrevia seu plano de governo como: “Conquistar o voto da população pobre”.

De imediato Haroldo declarou em alto e bom som ser aquilo um absurdo. “Como pode ser este um plano de governo? E questões como a educação, saúde, transporte e habitação? Fiquei indignado e questionei isso.”

Sua postura aguerrida rendeu frutos. Foi chamado pelo próprio Adalberto Camargo, primeiro deputado negro do Estado de São Paulo para integrar a Câmara de Comércio Exterior Afrobrasileiro, onde hoje com apenas 28 anos, já pós graduado, é Diretor.

Mais do que nunca as viagens tornaram-se uma questão profissional e o comércio exterior não só é seu campo de atuação, mas também a sua paixão.

Quanto ao pontapé inicial para estas conquistas, o ingresso no curso superior, Haroldo afirma com veemência: “Eu tive o privilégio de estudar na Zumbi. A faculdade me abriu uma série de portas. Foi um marco na minha vida e me ajudou numa série de trabalhos, de atividades, enriqueceu muito a minha mente, culturalmente e na parte social também”. ■



Haroldo Nascimento.



**Transmitir energia é distribuir
qualidade de vida.**



A TBE é um conjunto de nove concessionárias de transmissão de energia elétrica, atuando nos estados do Pará, Maranhão, Santa Catarina, Mato Grosso e Minas Gerais, com instalações que possuem cerca de 3150 km de linhas de transmissão e 27 subestações.



a lei.

Ora a lei!

**Por Rosenildo Gomes Ferreira*

A cultura legal no Brasil sempre foi muito mais pródiga no momento de cercear do que de conceder direitos. Como se a construção da cidadania se fizesse mais sólida na quantidade de “nãos” que impomos aos demais. Suprimir direitos em nome da boa convivência, da regulação do espaço social e da manutenção do statu quo, tal como nos acostumamos, é, sem dúvida, um ofício ao qual se dedicou uma boa parte dos brasileiros. Especialmente os integrantes de nossa elite. Difícil saber os motivos. Mas, certamente, os 388 anos em que vigorou o regime de escravidão, primeiro do ameríndio e depois do africano, por certo ajudaram a moldar essa

face do pensamento nacional. Afinal, o ato de escravizar significa o controle total sobre o outro ser humano ao qual se impõem o “não absoluto”.

Usando essa linha de raciocínio, podemos entender porque diversas conquistas sociais, algumas até mesmo consagradas há muitas décadas no mundo civilizado, tiveram de, primeiro, superar a desconfiança generalizada, até serem incluídas no ordenamento legal brasileiro. Um exemplo que parece simples, mas que ao mesmo tempo ilustra esse raciocínio é a criação do seguro-desemprego. Raros não foram aqueles que se apressaram em prever que esse direito poderia significar, efetivamente, um “atalho à

vagabundagem”. Afinal, poderia ser mais lucrativo ficar em casa do que trabalhar. A prática mostrou que não é bem assim.

Nos últimos 20 anos, os sucessivos mandatários que governaram o país começaram a introduzir mudanças, no arcabouço legal e administrativo, destinadas a compensar parte dos prejuízos impostos à comunidade negra e seus descendentes, por conta da escravidão. As chamadas políticas afirmativas, infelizmente ainda tímidas em sua aplicação por aqui, foram fruto de muita pressão da sociedade e das lutas travadas há mais de um século, em diversas trincheiras, nas quais se ombreamos brasileiros de



“todas as cores”. O traço comum entre eles é o elevado espírito público e a grande sensibilidade social. E, acima de tudo, a capacidade de dizer sim. Esse movimento teve como ápice a recente decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que, por nove votos a zero, considerou constitucional a utilização do mecanismo de cotas.

Para os ministros, trata-se de um instrumento democrático e legal de reparação dos prejuízos advindos da escravidão e do posterior apartheid, social e econômico, de fato, que colocou o afrodescendente em segundo plano. Tudo isso ironicamente em um Brasil miscigenado e que sempre se orgulhou de ser o país no qual, aprendemos a

repetir, onde vigora a convivência harmoniosa entre as raças.

Contudo, mesmo fazendo parte da letra legal, chancelada pela instância máxima de nosso arcabouço jurídico, o sim à cidadania plena dos afrodescendentes ainda terá de enfrentar uma longa batalha para se impor como política efetiva no país. Isso porque, os partidários do não, e eles são muitos, continuam tendo dificuldade para enxergar seu lugar em uma sociedade na qual todos os seus integrantes, sem exceção, tenham acesso aos bens e serviços de forma plena e verdadeiramente democrática.

Neste contexto, a adoção de cotas nas universidades federais, funciona

como um soco no estômago.

Na falta de argumentos, adota-se a tergiversação e a mistificação irradiada diariamente nas chamadas redes sociais. No fundo, para muitos partidários do não, o contrato social só tem legitimidade quando impõe perdas ao outro lado.

Por isso, não podemos baixar a guarda. Até porque, essa luta só será ganha, de forma efetiva, na lida diária. A cada palavra proferida, a cada linha escrita. Afinal, estamos travando o bom combate, baseado no que reza a letra da lei. Ora, a lei! ■

** Jornalista, da revista IstoÉ DINHEIRO e membro do Conselho Curador da Faculdade Zumbi dos Palmares*

+ com os negros o brasil poderá mais +

**Por José Vicente*

Em 1995, a Pesquisa científico-jornalística realizada pela Folha de S.Paulo e pelo Datafolha, apontou que 89% de brasileiros aceitavam a existência do racismo no país. Somente 10% deles confessavam que já teriam discriminado negros. Em 2001 quando a UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – pioneiramente, criou cotas para negros no ensino superior, conforme pesquisa do IPEA, os universitários brasileiros compunham-se de 97% de brancos, e os professores, pesquisadores e cientistas negros somavam 1%. Os negros compunham 70% dos que viviam abaixo da linha da pobreza e 63% do quadro dos pobres. Em 2001, não havia um general negro, um almirante negro, um embaixador negro, um alto executivo

negro comandando quaisquer grandes empresas do país.

Como se vê e sempre se soube, as relações entre negros e brancos no Brasil se estruturaram sob uma visão de racismo sem racistas e numa concepção ambígua e irracional de que racismo e, logo discriminação racial não existem, por que a Ciência decretou que raças não existem e que, se distorção houver, é a discriminação social que mantém negros e brancos separados e desiguais.

Na sociedade escravista, a ciência não impediu que os negros fossem escravizados, na sociedade da razão e do mercado, não permitiu que pudessem usufruir o ideal republicano de iguais, tidos por ela, como integrantes de raça inferior. No plano político real, nossa mistura de raças

e nossa identidade mestiça de brancos, negros e índios, esteve longe de significar integração e participação em pé de igualdade. Apesar de patrimônio coletivo, nossa identidade tripartida tem servido como ideologia articulada que, negando o racismo e diluindo o racial no social, mantém privilégios, oportunidades, vantagens e estética social exclusiva, da qual os negros não participam. Uma república de poucos e uma democracia de desiguais que segrega e interdita os acessos aos 51% dos brasileiros autodeclarados negros.

Apesar dos pesares e a despeito dessas visões e crenças equivocadas ultrapassadas, nos últimos quinze anos, a conscientização e o comprometimento de destacados setores da sociedade, do governo, do

Congresso e da mídia nacional na defesa e valorização da diversidade e igualdade étnico-racial e no combate à discriminação contra os negros, contribuíram para criação das políticas afirmativas de cotas para Negros nas Universidades Públicas e nas Universidades privadas, através do Prouni, e de importantes realizações que resultaram no aumento expressivo dos negros no mercado de trabalho, em postos de prestígio da alta administração e mesmo na comunicação e estética social. Se não é tudo que podemos, e não o é, essas pioneiras e limitadas realizações e seus incipientes resultados nos permitiu sair do lugar comum e agir criativamente pra construir consensos e mudanças que possam colocar o país como uma república moderna acessível e disponível para todos.

Por isso, era preciso seguir adiante, era preciso ir além. A corajosa decisão do Supremo Tribunal Federal que aprovou a constitucionalidade de cotas para negros no Ensino Superior nos libertou das amarras de um falso dilema e devolveu o país aos trilhos da racionalidade. Não abandonou os negros e honrou todos os brasileiros. Fortaleceu a justiça e definiu os fundamentos que permitirá a celebração verdadeira da nossa identidade e diversidade racial. Impediu que nos tornássemos gigante de pés de barro. Com os negros, o Brasil fica mais coeso, mais fortalecido, mais produtivo, mais criativo, mais competitivo, mais colorido e melhor. Com os negros, o Brasil poderá mais. ■

** José Vicente é Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares*



Anderson silva

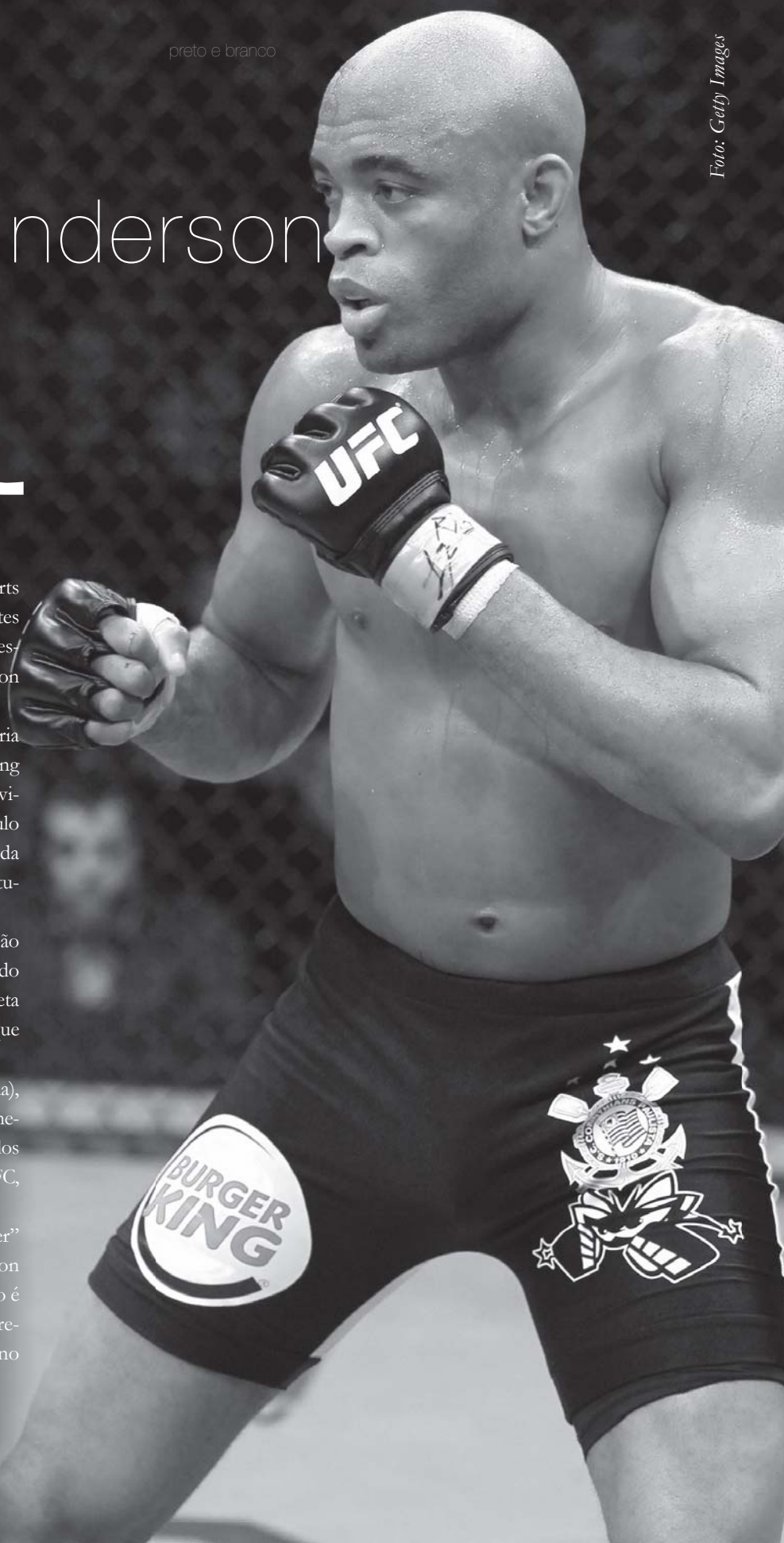
Dizer que o Mixed Martial Arts (M.M.A.), traduzido como Artes Marciais Mistas, está em alta é o mesmo que dizer que o lutador Anderson Silva está no topo.

Campeão mundial da categoria peso médio do Ultimate Fighting Championship (UFC), com 17 vitórias seguidas e 10 defesas de título consecutivas. Anderson é o dono da maior sequência de vitórias e de títulos de defesa na história.

O atleta, nascido na cidade de São Paulo, começou a treinar Taekwondo com 7 anos de idade, é faixa preta em jiu-jitsu, mas é no Muay Thai que Anderson se destaca.

Conhecido com "Spider" (Aranha), o lutador é considerado como "o melhor artista de artes marciais de todos os tempos", pelo presidente do UFC, Dana White.

Com tantas habilidades, "Spider" já tem até documentário: Anderson Silva Como Água. O documentário é vencedor do prêmio de melhor direção para novos documentaristas no Festival de Tribeca 2011. ■



Consciência se constrói com educação.

Fundada em 1997, a Afrobras é o resultado do idealismo e esforço de um grupo de cidadãos de todas as raças, formado por intelectuais, autoridades, personalidades, empresários, estudantes e trabalhadores, que tem por objetivo promover a inserção socioeconômica, cultural e educacional dos jovens negros na sociedade brasileira.

Desenvolvendo atividades de informação, formação, capacitação, qualificação e assessoria técnica, jurídica e política, a Afrobras destaca-se hoje como referência na busca de valorização e afirmação do negro brasileiro.

Entre suas inúmeras atividades, merecem destaque a **Faculdade Zumbi dos Palmares**, o **Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares**, a agência internacional de notícias **Afrobrasnews**, a revista **Afirmativa Plural**, o programa **Negros em Foco**, o **Troféu Raça Negra** e a **Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro**.

Até agora foram apenas 13 anos ajudando a mudar uma história de quase 4 séculos. Sabemos que o caminho a percorrer ainda é longo, mas ele está cada vez mais livre. E plural.

Saiba mais. Acesse www.afrobras.org.br

futura



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

afrobras
XXXXX

Sem educação não há liberdade



Cada
garrafa
tem uma
história.

**Aqui no Amazonas
sonhos são vividos.
E espalhados.**

Izolena Garrido

Depois de estudar em Manaus e voltar para o interior, veio a certeza. Tumbirã é o seu lugar. Não só seu, mas como também será de seus alunos. Izolena é aquela professora-exemplo que mostra a todos que é possível sim construir uma vida digna na sua região. É também uma motivadora de projetos de empreendedorismo, que estão trazendo fonte de renda para mulheres locais por meio de suas próprias habilidades manuais, como costura, artesanato e gastronomia. Uma sonhadora que concretiza projetos. Assim como a Coca-Cola Brasil, que apoia o Programa Bolsa Floresta, beneficiando cerca de 8.100 famílias ribeirinhas, em um total de 35,6 mil pessoas. Números que demonstram o nosso compromisso, que não por acaso é o mesmo de Izolena: o desenvolvimento do Amazonas.



Coca-Cola Brasil



Coca-Cola Brasil,
Patrocinadora dos Festivais de Parintins,
Cinema, Ópera, Jazz, FIAM
e mantenedora da FAS.

Conheça algumas histórias que você ajudou a transformar em
vivapositivamente.com.br